



Monica de Freitas Frias Chaves

**Campo semântico e usos dos verbos
“colocar”, “botar” e “pôr” no português
do Brasil: uma contribuição ao ensino
de PL2E**

Monografia apresentada a Coordenação Central
de Extensão da PUC-Rio como parte dos
requisitos para conclusão do curso de
Especialização de Formação de Professores de
Português para Estrangeiros

Orientadora: Adriana F. De Souza de Albuquerque

CCE – Coordenação Central de Extensão
Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro

Rio de Janeiro
Dezembro de 2014

Dedico esta monografia a todos aqueles que me apoiaram em minha caminhada pela vida. Em especial, meus pais, meu marido e filhos, pois sem eles eu nada seria.

Agradecimentos

Aos professores do Programa de Especialização em Formação de Professores de Português para Estrangeiros pelas aulas maravilhosas e tão bem elaboradas que possibilitaram meu aprofundamento na área.

Aos colegas que tanto engrandeceram nossas aulas – cada um a seu modo - com suas contribuições, e que apoiaram uns aos outros em todos os momentos de estudo.

À Prof.^a Dr.^a Adriana Albuquerque não só por ser minha orientadora na elaboração deste trabalho, mas também por todo apoio e suporte durante todo o curso. Suas aulas serviram de grande inspiração.

À Prof. Cecília Gonsalves que com seu jeitinho carinhoso nos guiou pelos difíceis conceitos da Linguística de forma doce, porém segura.

Ao Prof. Fellipe Fernandes Cavallero da Silva que muito acrescentou aos nossos conhecimentos de Didática, sempre nos surpreendendo com suas aulas muito bem montadas e cheias de surpresas.

Não posso deixar de citar os professores Ricardo Alencar, Sheila Mejlachowicz, Maria Cristina Góes, Ana Helena Vannier e Adriana Rebello por tudo o que me ensinaram e, acima de tudo, pelo olhar diferenciado com o qual aprendi a observar a língua portuguesa.

Resumo

Chaves, Monica de Freitas Frias; Albuquerque, Adriana Ferreira de Souza de. **Campo semântico e usos dos verbos “colocar”, “botar” e “pôr” no português do Brasil: uma contribuição ao ensino de PL2E.** Rio de Janeiro, 2014. 70 p. Monografia apresentada a Coordenação Central de Extensão da PUC-Rio como parte dos requisitos para conclusão do curso de Especialização de Formação de Professores de Português para Estrangeiros.

A presente monografia, como o título “*Campo semântico e usos dos verbos “colocar”, “botar” e “pôr” no português do Brasil: uma contribuição ao ensino de PL2E*” sugere, investiga o campo semântico dos verbos “colocar”, “botar” e “pôr”, levando em conta o emprego que nativos do português do Brasil fazem desses verbos em diferentes contextos de fala. A presente investigação se insere numa perspectiva funcionalista que partindo da observação de uma interação verbal real busca extrair a estrutura (a língua). Adotamos o modelo teórico da Gramática Funcional do Discurso, desenvolvido por Hengeveld, uma vez que este adota um modelo de sistema de língua que se insere em uma teoria de interação verbal mais ampla, cujo objetivo é descrever as regras de funcionamento da língua em uso. Isso possibilita organizar a análise da língua em camadas (ou níveis) que se desdobram até o nível do discurso. Nesse contexto de investigação, o intuito é observar em quais contextos extralinguísticos os falantes escolhem (no eixo paradigmático) cada um desses verbos. Almejamos, com esse estudo, auxiliar à descrição das estruturas nas quais tais verbos aparecem em enunciados do português brasileiro, bem como expor como o falante, ao organizar sua fala para expressar o que pretende comunicar, efetivamente faz uso desses verbos. A partir desse estudo, esperamos ajudar na elaboração de condições que tornem o aluno estrangeiro capaz de se comunicar com o mínimo de ruído possível. O objetivo primeiro é torná-lo capaz de perceber as diferentes escolhas verbais feitas pelo falante nativo e, assim, capaz de interpretar corretamente aquilo que ouve ou lê. Mais ainda, ajudá-lo a fazer escolhas lexicais que se aproximem o máximo possível das escolhas de um falante nativo.

Palavras-chave

Campo semântico; verbos; português brasileiro; gramática funcional do discurso

Abstract

Chaves, Monica de Freitas Frias; Albuquerque, Adriana Ferreira de Souza de. **Semantic field and uses of the verbs “colocar”, “botar” and “pôr” in Brazilian Portuguese: a contribution to PL2E teaching.** Rio de Janeiro, 2014. 70 p. Monograph presented to Coordenação Central de Extensão - PUC-Rio as part of the requirements to conclude the Specialization course “Formação de Professores de Português para Estrangeiros”.

This paper, as the title “*Semantic field and uses of the verbs “colocar”, “botar” and “pôr” in Brazilian Portuguese: a contribution to PL2E teaching*” suggests, investigates the semantic field of the verbs “colocar”, “botar” and “pôr”, taking into account the uses native speakers of Brazilian Portuguese do of such verbs in different contexts of speech. The present investigation is inserted in a functionalist perspective, which means to extract the structure of the language from the observation of a real verbal interaction. We choose the theoretic model of the Functional Discourse Grammar, developed by Hengeveld, for it adopts a model of the language system inserted in a theory of verbal interaction whose goal is to describe the functioning rules of the language in use. This makes possible to organize the language analysis in different levels that unfold until the level of the discourse. In such context of investigation, our aim is to observe in which linguistic contexts speakers of Brazilian Portuguese choose each of these verbs. Our goal with this investigation is not only to help describe the structures in which such verbs appear in real utterings of this language, but also to expose how the Brazilian speaker, when organizing his speech in order to express that which he wants to communicate, effectively uses these verbs. From this investigation, we hope to be able to help elaborating some learning conditions that might capacitate the foreign student of Brazilian Portuguese capable of communicating with as little noise as possible. Mainly, it is our intent to enable them to notice the different verbal choices made by native speakers so much so that they can correctly interpret that which they hear and read. Moreover, it is my wish to help them make lexical choices similar to the ones the native speaker would do.

Key-words

Semantic field; verbs; Brazilian Portuguese; functional discourse grammar

SUMÁRIO:

1. Introdução	7
2. Revisão da Literatura	10
3. Fundamentação Teórico-metodológica	14
3.1 Funcionalismo	14
3.2 Gramática Funcional do Discurso	15
3.3 Aspectos Metodológicos da Análise	20
4. Análise dos Dados	22
4.1 Considerações Iniciais	22
4.2 Perspectiva Descritiva	23
4.3 O Verbo “Pôr”	25
4.4 O Verbo “Botar”	31
4.5 O Verbo “Colocar”	34
4.6 Considerações finais	37
5. Conclusão	39
5.1 Proposta de atividade em sala de aula de PL2E	41
6. Bibliografia	46
7 Anexos	47
7.1 Entrevistas NURC	47
7.2 Crônicas de Luis Fernando Veríssimo	67

“As técnicas descritivas são (ou deveriam ser) um componente essencial do treinamento de linguista, sem importar sua área de atuação ou sua orientação Teórica.” (PERINI, 2006)

1 Introdução

O Brasil ocupa hoje, definitivamente, um lugar de destaque no cenário mundial. Em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, já não se anda mais pelas ruas sem se ouvir pessoas falando outras línguas que não o português.

Esse novo cenário impulsionou o ensino do português como língua estrangeira (especialmente a modalidade falada no Brasil, é claro): hoje, há um grande número de pessoas interessadas em aprender a língua *in loco*, sobretudo com o intuito de poder se comunicar efetivamente. Estudantes universitários, empresários e suas famílias estão entre os diferentes grupos que, aqui no Brasil, buscam aprender a língua portuguesa para fins de comunicação.

Como aprender uma língua estrangeira é aprender a se comunicar nessa língua de forma proficiente, como um nativo o faz, ou o mais próximo possível disso, podemos afirmar que o grande desafio do ensino de PL2E é criar condições para que o aluno estrangeiro seja capaz de se comunicar com o mínimo de ruído possível. Isso significa que, além de ele ter que interpretar corretamente aquilo que não é dito/lido - pistas extralinguísticas, cultura subjetiva etc. -, o aluno estrangeiro precisa ser capaz de perceber as diferentes escolhas – no eixo paradigmático - feitas pelo falante nativo.

Assim, o objetivo do ensino de PL2E é ajudar o aluno estrangeiro a conseguir não só a decifrar o mundo a sua volta, mas também a fazer escolhas lexicais que se aproximem o máximo possível das escolhas de um falante nativo. Por exemplo, se certo termo ocorre com mais frequência em enunciados de indivíduos do sexo masculino do que feminino, um estrangeiro do sexo masculino deveria ser capaz de escolher esse termo, já uma estrangeira deveria dar preferência aos termos mais frequentes em falantes nativos do sexo feminino. Essa é uma das condições necessárias para que seu enunciado tenha o efeito por ele(a) desejado.

Contudo, para que as aulas de PL2E possam ajudar o aluno a chegar a esse nível de eficácia no uso da língua alvo - no caso o português brasileiro -, são

necessários estudos que detalhem exaustivamente não só as estruturas sintáticas, como também os vocábulos escolhidos pelos nativos da língua no uso dela.

Como a ainda recente literatura do português como segunda língua ou como língua estrangeira carece desse tipo de material descritivo, o presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo descritivo do campo semântico e do uso dos verbos *botar*, *colocar* e *pôr*. Queremos verificar como esses verbos, cujo campo semântico é bastante semelhante, são usados pelos nativos.

O presente estudo se justifica levando em conta que as gramáticas tradicionais e os estudos do português como língua materna não focam no aspecto semântico, nem nas condições de uso dos verbos.

Ainda, por entendemos que, mesmo que nem sempre claras, o uso do verbo *botar*, *colocar* ou *pôr* em enunciados é uma escolha do falante, acreditamos que o este estudo poderá ser de grande ajuda ao ensino de PL2E.

A colunista da Folha online Thaís Nicoleti de Camargo, em sua coluna Noutras Palavras, de 16/08/2005, sugere que a escolha do verbo *colocar* em algumas situações se deve ao fato de o falante achar que esse verbo é menos vulgar do que *pôr* ou *botar*, fazendo com que esse seja o verbo escolhido na maioria das vezes. Em suas palavras: “[...] o uso um tanto excessivo que se vem fazendo do verbo *colocar* em situações em que seria possível lançar mão da vasta gama de palavras de que dispõe o nosso idioma”.

Levando em consideração essa sugestão, a presente pesquisa descritiva pretende verificar se (a) a ocorrência do verbo *colocar*, é realmente superior a dos verbos *botar* e *pôr* nos enunciados do português do Brasil, e se (b) há diferença no número de ocorrências desses verbos nos enunciados de indivíduos do sexo masculino e feminino.

Para tanto, pretendemos mapear e analisar a ocorrência desses verbos em diálogos entre informante e documentador encontrados no acervo do NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro). Nosso corpus, retirado da corpora acima mencionada, será composto por entrevistas, sobre os seguintes temas: a casa, vestuário, dinheiro e alimentação. Além disso, as entrevistas foram feitas diretamente entre entrevistador/entrevistado, na década de 70 do século XX, nas quais os participantes são indivíduos com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas.

Examinaremos as ocorrências dos verbos *botar*, *colocar* e *pôr*, buscando descrever as estruturas nas quais elas aparecem em enunciados efetivamente realizados no português brasileiro. Assim, pretendemos poder revelar como o falante, ao organizar sua fala para expressar aquilo que deseja comunicar, efetivamente faz uso desses verbos; pois concordamos com Neves (2011) quando ela diz que:

O fluxo de informação determina tanto a ordenação linear dos sintagmas na oração como a própria escolha do arranjo da predicação a ser ordenada, nos termos de: escolha da natureza do predicado, seleção dos argumentos, e eleição dos satélites. (pg. 24)

Ou seja, acreditamos que a escolha do falante, que começa motivada por aquilo que pretende expressar passa, necessariamente, pela escolha da natureza do predicado que, por sua vez, é constituído pelos verbos. O falante organiza sua fala com base nessa escolha e nas relações de predicação por ela determinadas, pois é ela que irá definir a seleção dos argumentos.

Além disso, como afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008), é o conhecimento das formas e das funções da língua e como elas se combinam que permite ao falante formular enunciados que não só expressem aquilo que ele quer, mas que o façam de maneira que o ouvinte compreenda; ou seja é exatamente isso que permite uma comunicação eficaz.

2

Revisão da Literatura

Como falantes nativos, podemos perceber que há uma relação semântica de sinonímia entre os verbos *botar*, *colocar* e *pôr*, pois o campo semântico deles apresenta significados praticamente iguais. Para fundamentar aquilo que como falantes intuímos, faremos uma breve revisão da literatura existente sobre o campo semântico desses verbos.

Primeiramente, pesquisamos os significados dos verbos *botar*, *colocar* e *pôr*, conforme exposto no *Caudas Aulete: dicionário escolar da língua portuguesa*. Para facilitar, mantivemos a numeração dos respectivos sememas¹ conforme aparecem no dicionário.

COLOCAR	BOTAR	PÔR
1. Pôr sobre si mesmo ou outra pessoa: vestir, calçar, aplicar	1. Colocar; pôr	1. Depositar, apoiar, pendurar, incluir (algo) em (algum lugar); colocar
2. Pôr, depositar	2. Vestir (roupa, calçar (calçado), pôr (enfeite)	2. Colocar(-se) em (certa posição)
3. Situar(-se), dispor(-se) (em lugar, posição, situação etc.) posicionar	3. Expelir líquido	3. Atribuir (algo a (alguém); colocar, imputar
4. Situar em hierarquia (esportiva, social, moral)	4. Tocar de leve, encostar	4. Dar (nome ou apelido) a
5. Propor, apresentar para consideração (em votação, debate)	5. Atirar, lançar, expelir (coisa, gente, animal)	5. Apresentar(-se) (para determinada finalidade); oferecer(-se)
6. Empregar (-se), dar cargo a ou assumir cargo	6. Guardar, depositar	6. Botar (ovos)
7. Investir ou aplicar	7. Preparar devidamente, pôr	7. Arrumar (a mesa) para ser usada
	8. Fazer entrar em algum lugar, ou juntar-se a outra coisa	8. Vestir(-se) ou calçar(-se)
	9. Estabelecer negócio	9. Situar-se de forma fictícia (em lugar de outro); imaginar-se, colocar-se
	10. Deitar, estender	10. Ocultar-se no horizonte; (astronomia: ocaso)
	11. Fazer ficar, ou deixar (-se) ficar	11. verbo aux. quando seguido da prep. a + infinitivo = indicando início da ação

¹ Semema é um termo usado em semântica lexical, indicando o conjunto de traços distintivos que define uma acepção do lexema. Dicionários fazem uso de números para separar os sememas de um lexema.

	12. Atribuir, declarar a existência de (defeito, erro, pontos negativos, falhas)	
	13. Pôr ovos	
	14. Fazer passar (texto) para outra língua; traduzir	
	15. Investir, aplicar (recursos, dinheiro)	

Como podemos verificar, há muita semelhança entre os significados desses verbos. Alguns deles, como por exemplo, o semema de número 1 do lexema *colocar*, o semema de número 2 do lexema *botar*, e o semema de número 8 do lexema *pôr* são iguais: todos eles têm como sentido básico o ato de vestir, calçar e/ou colocar acessórios (brincos, bolsas etc.)

Se observarmos o quadro acima, veremos que há sememas que não estão presentes em todos os lexemas. Por exemplo, o semema de número 13 do lexema *botar* e o semema de número 6 do lexema *pôr* têm como sentido básico o ato de expelir ovos, o que faz com que as sentenças “A galinha bota ovos” e “A pata pôs um ovo” sejam aceitáveis no PB. Acontece que não encontramos este sentido básico entre os sememas do lexema *colocar*, mas nem por isso podemos dizer que a sentença “A galinha coloca ovos” não é aceitável no PB.

Isso nos permite perceber que, mesmo quando encontramos casos em que um sentido básico não esteja presente nos três lexemas - *botar*, *colocar* e *pôr* -, quase sempre é possível substituí-los entre si.

Nosso próximo passo foi verificar a literatura existente sobre a relação de sinonímia entre esses verbos. Encontramos no *Dicionário de Sinônimos*, de Antenor Nascente, a seguinte definição:

- COLOCAR => pôr no devido lugar, com proporção, simetria etc.;
- Ex.: Coloca-se um quadro na parede, em lugar onde receba luz boa.
- PÔR => termo genérico, significa ficar num lugar, de qualquer modo.

- BOTAR (de uso menos polido e popular) => se emprega com o significado dos quatro restantes (colocar, deitar, meter e pôr)²

Ex.: Bote o copo no seu lugar. Bota água no vinho. Bota o dinheiro dentro da bolsa.

A partir dessa definição, podemos inferir alguns traços distintivos próprios do campo semântico dos verbos *colocar*, *botar* e *pôr*. O quadro abaixo apresenta uma sistematização dos traços conforme apontados na definição de Antenor Nascente.

Ato de	com proporção/simetria	de qualquer modo	de uso polido	de uso popular
COLOCAR	+	-	+	-
BOTAR	+/-	+/-	-	+
PÔR	-	+	+/-	+/-

Quadro de dados 1 - montado para fins desta pesquisa.

Entendendo que a escolha do verbo traz uma série de implicações no eixo sintagmático, partimos para observar o que diz a literatura do PB a esse respeito com relação aos verbos *botar*, *colocar* e *pôr*.

Segundo, Castilho (2014), verbos podem ser definidos semanticamente como a classe de palavras que expressa os estados de coisas: ações e eventos que o falante precisa comunicar na fala ou na escrita. Ele afirma ainda que “o verbo toma por escopo seus argumentos, atribuindo-lhes traços de que eles não dispunham antes” (p.415).

Seguindo essa linha de raciocínio, Brito (1986), em sua dissertação sobre complementação verbal, salienta que:

É o verbo que especifica que tipo de sujeito ele aceita (ou até se há ou não há sujeito), como também determina o tipo de complementos à direita (ou até se há ou não há esses complementos). (p.12)

² Em sua organização, o dicionário de sinônimos junta na mesma entrada os lexemas: *botar*, *colocar*, *deitar*, *meter* e *pôr*.

Segunda ela, os argumentos são, na realidade, exigências da carga semântica do verbo, pois é ela que determina quantos e que tipos de argumentos são necessários para que o verbo passe a informação completa. Além disso, precisamos levar em consideração os planos potencial – argumentos semanticamente obrigatórios na potencialidade do verbo - e de realização – onde a presença dos argumentos depende de condições linguísticas e pragmáticas. Além disso, a autora afirma que o plano de realizações pode apresentar as seguintes configurações: $PR = PP$ e $PR < PP$, mas nunca $PR > PP$.

Os verbos *colocar*, *botar* e *pôr* apresentam a seguinte configuração de argumentos no plano potencial: A colocar/pôr/botar B C; onde o espaço A tem valor +/- animal, o espaço B tem valor +/- animal, e o espaço C tem valor + locativo. Isso se verifica, porque esses verbos implicam em um movimento de A sobre B que causa a mudança dele para o lugar C, como podemos verificar no exemplo dado pela autora: “A criança colocou o livro na estante”. Aqui, podemos perceber que “A criança” (espaço A, com traço +animado) é o agente da mudança de localização do “o livro” (espaço B, com traço +animado) para “na estante” (espaço C, com traço +locativo).

Ainda, segundo Brito (pg. 95), frases em que os espaços B e C não estão preenchidos, como por exemplo, “A criança colocou”, “A criança colocou o livro” e “A criança colocou na estante”, são inaceitáveis se proferidas fora de contexto.

Depois de revisarmos a literatura sobre o assunto, no capítulo a seguir iremos fundamentar a teoria usada em nossa pesquisa.

3

Fundamentação Teórico-metodológica

Como nossa intenção foi realizar uma pesquisa fundamentalmente descritiva, adotamos em nossa análise os princípios da corrente funcionalista, mas precisamente os conceitos da gramática funcional do discurso (GFD).

3.1

Funcionalismo

O funcionalismo, como o próprio nome sugere, se preocupa com as funções da língua e parte da premissa que suas regras são derivadas do uso: é a perspectiva funcional da sentença. Sendo assim, a língua é entendida como um sistema funcional que apresenta um lado estrutural (sistema) e outro o funcional, em que as estruturas (semânticas, fonológicas e sintáticas) são determinadas pelas funções que têm que realizar nas situações sociais de uso da língua. Segundo Neves (1994):

Todo tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame, pois, a competência comunicativa. Isso implica considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração. (p.109)

Embora possamos colocar sob o “guarda-chuva” do funcionalismo correntes com aspectos diversos, todas elas compartilham da premissa básica de que o sistema linguístico, bem como os itens que dele fazem parte são indissociáveis das funções que exercem na interação verbal. De tal modo que, apesar da arbitrariedade do signo linguístico, na perspectiva dessas correntes, as escolhas linguísticas do falante não são arbitrárias. Consequentemente, uma pesquisa linguística que adote a perspectiva funcionalista deve partir da observação da fala em uso, numa interação verbal real, para daí extrair a estrutura (a língua).

3.2

Gramática Funcional do Discurso

A gramática funcional do discurso (GFD), segundo Camacho (2006), é uma nova arquitetura projetada por Hengeveld para o modelo de gramática funcional (GF) desenvolvido, principalmente, por Dik. Camacho afirma que:

Essa nova arquitetura acomoda uma parte integral e muito significativa do modelo. Apesar disso, é a gramática que interessa ao arquiteto desse novo esboço, uma gramática formalizada que incorpore fenômenos inerentes ao processamento do discurso entre os interlocutores e não exatamente a elaboração de um novo modelo de análise do discurso. (p.167)

Podemos considerar a GFD como um passo à frente em relação ao modelo anterior, uma vez que ela propõe uma expansão da GF, cujo foco é a sentença, para um modelo de gramática que tenha como foco o discurso. Esse novo modelo entende que existem muitos fatos linguísticos cuja explicação passa, necessariamente, por unidades maiores que a sentença, como por exemplo, as cadeias anafóricas, as formas verbais narrativas etc., bem como enunciados completos que se constituem, na verdade, de expressões linguísticas menores que a sentença, como por exemplo, as exclamações e vocativos. Sob essa perspectiva, então, não basta analisar o nível do enunciado, é necessário incluir o ato discursivo como parte de uma gramática funcional.

Podemos dizer, então, que a GFD é um modelo de sistema de língua que se insere em uma teoria de interação verbal mais ampla, cujo objetivo é descrever as regras de funcionamento da língua em uso. Para tanto, esse modelo postula, nas palavras de Camacho (2011): [...] a necessidade de não apenas reconhecer vários níveis de análise, mas também de aplicar uma organização em camadas que se estenda ao nível do discurso. (pg.98)

Nesse modelo o componente gramatical está conectado a três outros componentes: conceitual (inclui fatores cognitivos, ontológicos, de conhecimento das situações comunicativas e do mundo), contextual (inclui contexto situacional, social e cultural) e output (expressão linguística), com os quais interage das mais diversas maneiras. Por sua vez, o componente gramatical é organizado em quatro níveis:

interpessoal, representacional, morfológico e fonológico. Contudo, tais níveis são módulos separados e internamente estruturados, mas que se relacionam uns com os outros através de operações hierarquicamente organizadas, conforme a figura abaixo.

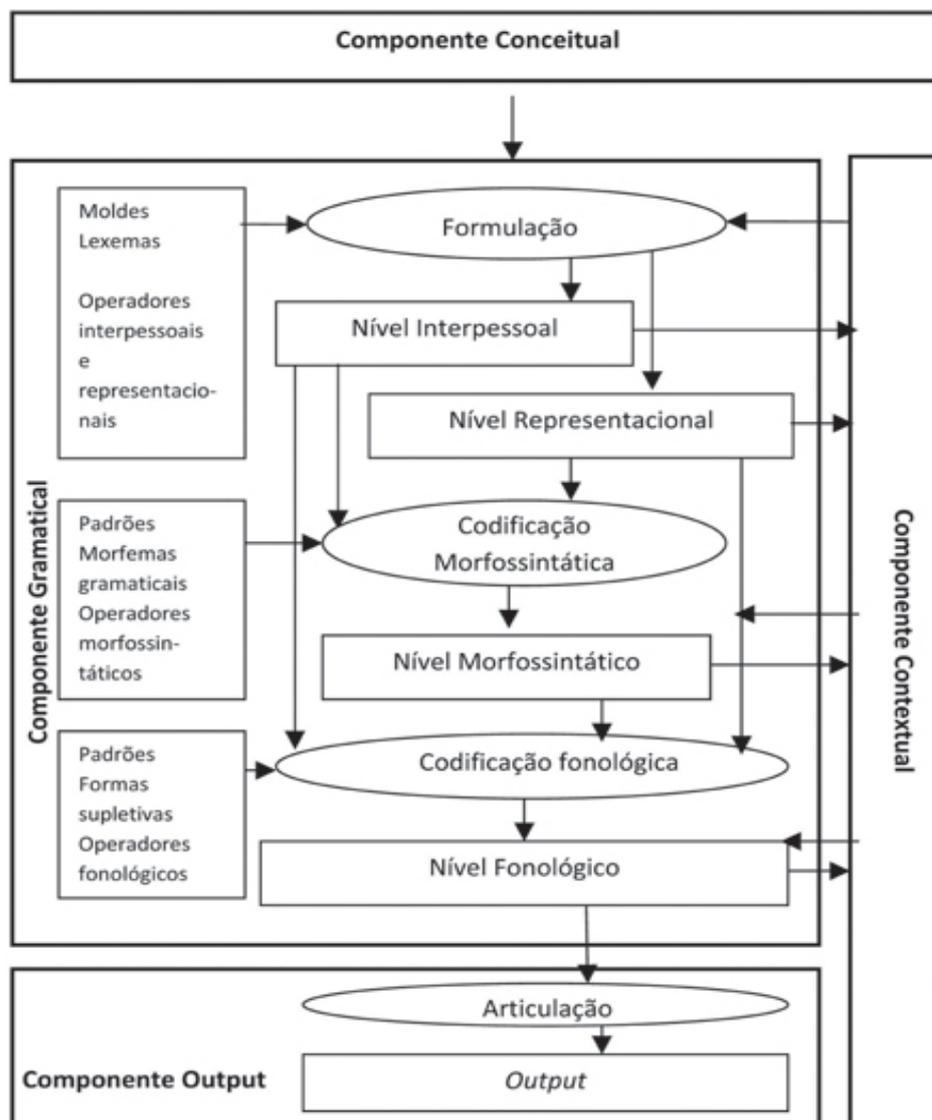


Figura 1- esboço geral da GFD (adaptado de Hengeveld e Mackenzie 2008:13)

O esboço acima além de mostrar os níveis interpessoal, representacional, morfológico e fonológico inseridos no componente gramatical do novo modelo, nos faz perceber que esses níveis se relacionam através dois tipos de operações distintas: formulação e codificação. Sendo que os níveis interpessoal e representacional fazem parte do processo de formulação do enunciado, e os níveis morfossintático e fonológico, dos processos de codificação.

No entanto, formulação e codificação são processos distintos. O primeiro diz respeito às regras que determinam quais configurações pragmáticas e semânticas são possíveis em uma língua. O que significa dizer que as línguas podem se diferenciar, por exemplo, pelo tipo de funções pragmáticas e semânticas relevantes à descrição de seu sistema gramatical, sem considerar como tais funções são, efetivamente, codificadas na língua. Já a codificação diz respeito às regras que convertem tais configurações pragmáticas e semânticas em representações morfológicas e fonológicas. O que significa que as línguas podem se diferenciar, por exemplo, quanto a ordem de palavras e relação de fonemas.

Como a presente pesquisa privilegiou o processo de formulação dos enunciados, daqui por diante iremos nos ater aos níveis interpessoal e representacional do componente gramatical. Assim, faz-se necessário mencionar que, nesses níveis de organização, as operações de formulação selecionam os moldes (frames) pragmáticos e semânticos apropriados, inserem nesses moldes os lexemas adequados, bem como aplicam os operadores (interpessoais e/ou representacionais) que traduzem as distinções gramaticais requeridas pela língua em questão.

No Nível Interpessoal a formulação converte as representações conceituais originadas no Componente Conceitual em representações pragmáticas. Aqui, entra em cena o modo como a estratégia é usada pelo locutor - seja de forma consciente ou não - para atingir seus objetivos comunicativos, que leva em consideração o estado mental do ouvinte.

No Nível Representacional, também, ocorre a operação de formulação, mas nesse nível as representações conceituais são convertidas em representações semânticas - apenas aquelas em que a língua que se relaciona com mundos possíveis de descrição, sejam eles reais ou fictícios. É nesse nível que os aspectos semânticos das unidades linguísticas são organizados hierarquicamente em aspectos formais, ou categorias semânticas, no modelo da GDF.

Toda unidade linguística analisada no Nível Interpessoal envolve um falante e uma Ilocução. O Nível Representacional só entra em cena no caso de haver, no Nível Interpessoal, algum Conteúdo Comunicado. Nesse caso, ambos níveis dividem a responsabilidade pela formulação. Assim, como exemplificado por Hengeveld & Mackenzie (2008, pg.27), a frase em inglês “It seems poor Mary really likes to suffer”, “Mary” e seus modificadores “poor” e “really” se originam no Nível Interpessoal; enquanto que, no Nível Representacional, “like” e “seem” são

introduzidos, nos moldes apropriados, e são incorporadas às unidades codificadas como o sujeito exposto de “seem” e o complemento infinitivo de “like”.

Como esses níveis se relacionam intrinsecamente, faz-se necessário mostrar não só a organização deles em camadas hierárquica, mas também sua correlação.

Nível Interpessoal	Nível Representacional
Move (M)	Conteúdo Proposicional (p)
Ato (A)	Episódio (Ep)
Conteúdo Comunicado (C)	Estado de Coisas (e)
Subato atributivo (T)	Propriedade, relação (f)
Subato referencial (R)	Indivíduo (x), locação (l), tempo (t)

Figura 2 - Correlações entre níveis e camadas – Camacho 2006, pg.177

Para o propósito desta pesquisa não há necessidade de aprofundarmos as explicações sobre essas camadas, basta mencionar aquilo que para nossa análise é relevante. Assim, no Nível Interpessoal, o Move (M) é a unidade de interação hierarquicamente mais alta e pode ser definida como um segmento inteiro do discurso no qual outras camadas hierárquicas estão inseridas. Numa conversação, como por exemplo, as incluídas em nosso corpus, há alternância entre Moves, que são identificados com a alternância de turnos entre os falantes. Portanto, há Moves de iniciação e de reação, que podem variar desde o silêncio até um discurso enorme.

Um Move pode conter vários Atos (A), que mantêm entre si uma relação de equivalência ou de dependência. Os Atos são organizados com base em um molde ilocucionário (ILL), cujos argumentos são: o falante (P), ouvinte (A) e o Conteúdo Comunicado (C) evocado pelo falante. Por sua vez, o Conteúdo Comunicado contém uma variedade de subatos de dois tipos: atributivo (T) – tentativa do falante de evocar propriedade – e referencial (R) – tentativa do falante de evocar referência. Neste nível, as unidades são analisadas em termos de sua função comunicativa.

No Nível Representacional, o Conteúdo Proposicional (p), sua unidade mais alta, é constituído por construtos mentais - blocos de conhecimento ou de crenças sobre o mundo real ou irreal -, que podem ser qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e /ou em termos da sua origem (conhecimento compartilhado, evidência sensoria, inferência).

Além disso, os Conteúdos Proposicionais contêm Episódios (Ep), que são Estado de Coisas (e) tematicamente coerentes, que demonstram continuidade de Tempo (t), Lugar (l) e Indivíduo (x), representando, assim, um único bloco narrativo, como por exemplo numa receita culinária.

Estados de Coisas (e), por sua vez, são eventos ou estados localizados no tempo e no espaço e que podem ser avaliados quanto a sua realidade. Segundo Camacho (2011), é o Nível Representacional que permite a expressão de Estados de Coisas. Nas palavras do autor:

Esse nível, construído a partir da inserção de predicados do léxico, representados pela variável (f), que se combinam com entidades referenciais, representadas por (x), permite a expressão de estados de coisas. (p.110)

Hengeveld & Mackenzie (2008) afirmam que os Estados de Coisas são caracterizados pela Propriedade Configuracional - um inventário dos moldes (frames) de predicação relevantes na língua. Essa propriedade é de natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas. São, precisamente, categorias semânticas sem relação hierárquica entre si que são usadas na construção das Propriedades Configuracionais. Essas categorias podem ser de vários tipos e incluem Indivíduos (x), propriedades lexicais (f) e, dependendo da língua em questão Lugar (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Quantidade (q).

Sobre esse tópico, Camacho (2011) postula que:

[...] as combinações de categorias semânticas, tanto em termos quantitativos quanto em termos qualitativos, são especificadas com base em esquemas representacionais, que forma parte do conjunto de primitivos que alimenta o processo de formulação. (pg.112)

Assim podemos afirmar com base em Hengeveld & Mackenzie (2008, pg.15) que as línguas se diferenciam com relação à quantidade e ao número de moldes predicativos (predication frames) que são permitidos com relação a valência qualitativa e quantitativa³ de um predicado.

³ Valência quantitativa refere-se a quantidade de argumentos com base na predicação nuclear, enquanto valência qualitativa representa a grade temática, especificada por funções semânticas (Agente, Meta etc.) e por restrições seletivas, como por exemplo, traço semântico +/- animado.

Faz-se importante mencionar que o Conteúdo Comunicado pode ou não corresponder ao Conteúdo Proposicional, mas não é idêntico a ele. Ele é constituído pelos conteúdos de mensagens dos Atos de discurso, que não são necessariamente de natureza proposicional. A maior diferença entre eles é que Conteúdo Comunicado está ligado ao falante, enquanto o Proposicional não está necessariamente ligado ao falante, o que significa que o Conteúdo Proposicional pode ser atribuído sem problemas a pessoas outras que não o falante.

Além disso, durante as operações de formulação, o componente contextual exerce um papel de suporte, disponibilizando antecedentes e referentes visíveis que influenciam a composição dos atos discursivos.

Concluindo, o objeto de estudo da GFD, o discurso, é analisado verticalmente, operando de cima para baixo (topdown), pois entende-se que o modelo gramatical é mais efetivo quanto mais parecida for sua organização do processamento linguístico do indivíduo. Este processo descendente se inicia numa intenção comunicativa que vai acionando processos em camadas inferiores até chegar a articulação da expressão linguística. Dessa forma, o modelo de organização da GFD permite que a pragmática controle a semântica, que ambas controlem a morfossintaxe e que as três juntas controlem a fonologia.

Fundamentamos nossa análise nesses conceitos, justamente, porque a GFD coloca os vários níveis do componente gramatical intrinsecamente ligados ao componente contextual, permitindo não só que o contexto seja entendido como formador do discurso, como, também, que discursos anteriores influenciem a formação de futuros discurso.

3.3

Aspectos Metodológicos da Análise

Como informado na introdução, essa é uma pesquisa descritiva e como tal nosso objetivo geral foi mapear o uso dos verbos *colocar*, *botar* e *pôr* em enunciados de falantes do português brasileiro.

Por seu recorte semântico, nossa pesquisa levou em consideração a função exercida pelos verbos objetos deste estudo em enunciados reais da língua, bem como

as relações que mantêm com argumentos no eixo sintagmático e que mantêm uns com os outros no eixo paradigmático.

Primeiro, fizemos uma descrição do campo semântico e dos argumentos exigidos por ele conforme a literatura existente. Em um segundo momento, fizemos uma busca do uso desses verbos na corpora do NURC, procurando mapear seu uso por tema, gênero e número de ocorrências.

Escolhemos a corpora do NURC, porque além de ela ser uma amostra de uso real da língua, também, se apresenta dividida por temas, sexo e idade dos falantes, o que facilitou nossa análise.

Essa corpora tem como base diálogos entre entrevistador e informante, sempre sobre um tema específico. Dentre os muitos temas que fazem parte dessa corpora, primeiramente, foram escolhidos quatro, por de serem os mais pertinentes ao campo semântico dos verbos aqui estudados, a saber: alimentação, casa, dinheiro e vestuário. Contudo, no decorrer da pesquisa verificamos a impossibilidade de analisarmos quatro temas; por isso, restringimos nossa pesquisa a apenas um: alimentação.

Para fins deste estudo, foram coletadas 6 entrevistas, 3 com homens e 3 com mulheres com idades até 45 anos. Dentre elas, encontramos 18 ocorrências do lexema *colocar*, 30 ocorrências do lexema *botar* e 45 ocorrências do lexema *pôr*, perfazendo um total de 93 ocorrências.

Além disso, nossa análise organizou as ocorrências desses lexemas por sememas, conforme encontrados na revisão da literatura. Por fim, devido ao grande número de ocorrências e levando em conta os sememas, resolvemos privilegiar o semema 2 do lexema *colocar* (*pôr*, depositar), o semema 1 do lexema *botar* (*colocar*; *pôr*) e o semema 1 do lexema *pôr* (*depositar*, apoiar, pendurar, incluir (algo) em (algum lugar)). Esses sememas foram escolhidos não só pelo fato do maior número de ocorrências dos lexemas estarem neles incluídos, mas também pela correlação de seus significados.

Os dados coletados foram numerados sequencialmente de acordo com a ordem numérica dos inquéritos (entrevistas), a saber: 0002, 0029, 0050, 0078, 008 e 0104.

4

Análise de Dados

O presente capítulo mostra a análise que foi feita dos dados com base nos conceitos da gramática funcional do discurso. Assim, nosso ponto de partida foi buscar as ocorrências dos verbos *colocar*, *botar* e *pôr* nas entrevistas em escolhidas, para então analisá-las sob a ótica do funcionalismo.

4.1

Considerações Iniciais

Nossa análise buscou extrair dos discursos presentes no corpus aquilo que se apresentou como estrutural da língua com base em sua função comunicativa. Em nossa organização, pudemos observar o número de ocorrências dos verbos conforme o quadro sinótico abaixo:

Entrevista #	sexo	idade	colocar	botar	Pôr
0002	feminino	44	--	5	15
0029	feminino	27	1	1	7
0078	feminino	30	4	18	5
Total	feminino	25 - 45	5	24	27
0050	masculino	29	1	2	9
0080	masculino	44	4	4	--
0104	masculino	29	8	--	9
Total	masculino	25 - 45	13	6	18
Total	geral	25 - 45	18	30	45

Quadro sinótico 1

Pelo quadro acima, podemos verificar que a ocorrência do verbo *colocar* não foi superior a dos verbos *botar* e *pôr*. Na verdade, a ocorrência geral do verbo *colocar* foi bem inferior a dos outros dois que, conforme mostra o quadro acima, teve 18 ocorrências, enquanto *botar* teve 30 e *pôr* 45.

Ainda com base neste quadro, podemos verificar que entre indivíduos do sexo feminino o número de ocorrências dos lexemas *botar* e *pôr* é praticamente o

mesmo: 24 e 27, respectivamente; enquanto o número de ocorrências do lexema *colocar* é bem inferior: apenas 5. Verificamos, também, que o mesmo não acontece entre os indivíduos do sexo masculino. Nesse grupo, os lexemas *pôr* e *colocar* tiveram mais ocorrências: 18 e 13 respectivamente, enquanto o número de ocorrências do lexema *botar* foi bem inferior: apenas 6.

Ambas verificações contradizem as sugestões (a) e (b) apresentadas na introdução.

4.2

Perspectiva Descritiva

Como foi visto na revisão da literatura, a semântica básica dos verbos aqui descritos obrigam o preenchimento de três espaços de argumentos no plano potencial. Contudo, por razões pragmáticas, eles podem ocorrer sem que apresentem o mesmo número de argumentos no plano de realizações. Isso se faz possível, uma vez que esses argumentos podem ser recuperáveis no discurso, ou podem não ser exigidos devido a uma mudança semântica do verbo.

Além disso, vimos que, no modelo da GFD, é no Nível Representacional que os predicados de léxico são inseridos e combinados com entidades referenciais (indivíduo, lugar, tempo, modo, razão e quantidade), permitindo a expressão de estados de coisas. Contudo, é no Nível Interpessoal que acontecem os processos que organizam a estrutura do discurso com base no que o falante deseja expressar.

Nosso corpus é composto por entrevistas de caráter informal, em que o entrevistador (doravante Doc.) faz perguntas ao entrevistado (doravante Loc.) a respeito do tema alimentação de um modo geral. Assim, a linguagem utilizada por ambos participantes é uma linguagem que podemos definir como sendo do dia-a-dia, utilizada por pessoas com formação universitária. Ainda, as perguntas feitas por Doc. geram em torno daquilo que Loc. come, gosta de comer, como são preparados certos alimentos etc.

Assim, podemos dizer que numa perspectiva pragmática as entrevistas se organizam em Moves de iniciação e de reação, que se definem pela troca de turno entre entrevistador (Doc) e entrevistado (Loc). Por outro lado, os atos discursivos contidos nos Moves são organizados, basicamente, com a força ilocucionária de

perguntar e de informar, por parte do Doc e Loc respectivamente, sendo que ambos são motivados pela cooperação.

Nesse sentido e com base na revisão da literatura, entendemos que o falante ao escolher o verbo *colocar*, expressa o desejo de que sua fala indique polidez e que o ato enunciado indique uma ação imbuída de simetria e proporção. Na ocorrência de número (2) desse lexema: “o cloro que se quer, que é *colocado* na estação de tratamento é único pra toda água”, percebemos que o predicado transmite o desejo do falante de fazer referência a maneira proporcional com que o cloro é inserido na água, além disso sua expressão linguística revela polidez.

Por outro lado, ao escolher o lexema *botar*, o falante imprime a sua fala um caráter popular, ao mesmo tempo em que não faz referência à proporção ou simetria do ato enunciado, podendo ela existir ou não dependendo dos operadores e modificadores escolhidos. Assim, na ocorrência de número (8) “a gente *botou* o filtro lá”, o lexema imprime a idéia de que o falante não manifestou desejo de expressar a forma como a ação foi realizada: de qualquer modo ou com simetria; porém, que seu enunciado fizesse uso de uma linguagem popular, o que aproxima os falantes.

Por fim, ao escolher o lexema *pôr*, o falante não expressa preocupação com relação à polidez ou não de seu enunciado, mas indica que o ato enunciado foi realizado de qualquer modo, como por exemplo, na ocorrência de número (10) do corpus “muita gente *põe* o peixe no leite porque amolece”. Aqui, entendemos que o desejo do falante é expressar que o peixe foi introduzido no leite de qualquer modo, pois a informação que importa para ele é que o peixe amolece dentro do leite. O falante, também, não expressa maiores preocupações no que diz respeito à polidez da expressão linguística.

A seguir apresentamos as análises de cada uma das ocorrências encontradas em nosso corpus. Nelas, levamos em conta principalmente as operações de formulação no Nível Representacional, uma vez que em se tratando de entrevistas de cunho informal, a força ilocucionária de Loc. e Doc. não sofrem grandes alterações. Os discursos de ambos participantes das entrevistas mantêm prioritariamente a força ilocucionária de informar, por parte do entrevistado (Loc.), e a força ilocucionária de perguntar, por parte do entrevistador, conforme exposto anteriormente.

4.3 O Verbo “Pôr”

Ao todo, encontramos em nosso corpus quarenta e cinco ocorrências do lexema *pôr*, das quais quarenta pertencem ao semema de número 1, uma pertence ao semema 2, uma pertence ao semema 5 e três pertencem ao semema 7. Veja o quadro abaixo.

Pôr	Feminino	Masculino
1. depositar, apoiar, pendurar, incluir (algo) em (algum lugar); colocar	(3), (4), (5), (6), (7), (8), (9), (10), (11), (12), (13), (14), (16), (18), (19), (20), (21), (22), (32), (33), (34), (35) e (36)	(23), (24), (25), (26), (27), (28), (30), (31), (37), (38), (39), (40), (41), (42), (43), (44) e (45)
2. colocar (-se) em (certa posição)	—	(29)
5. apresentar (-se) (para determinada finalidade); oferecer	(17)	—
7. arrumar (a mesa) para ser usada	(1), (2) e (15)	—

Quadro sinótico 2 – ocorrências do lexema pôr

Conforme exposto no capítulo anterior, analisamos apenas as 40 ocorrências do lexema *pôr* incluídas no semema 1. Nossa análise levou em conta, necessariamente, o preenchimento dos três argumentos exigidos semanticamente por esse semema.

Assim, nas ocorrências de número (3) abaixo, os espaços A e C estão preenchido por “você” (+animado) e por “na mesa” (+locativo), enquanto o B, não preenchido, é recuperável no discurso por “o que deve ter” (–animado).

(3) Muitas vezes você sabe o que deve ter, mas você não pode *pôr* na mesa.

Já em (4), (5) e (6) abaixo, que fazem parte do mesmo Move de reação, o espaço C, não preenchido (na salada +locativo), é recuperável no discurso, no Move de iniciação de Doc, cuja força ilocucionária é de pergunta. Por outro lado, os espaços A das três ocorrências estão preenchidos por “quem” (+animado), “quem não pode

pôr azeite” (+animado) e “eu” (+animado), respectivamente; enquanto os espaços B estão preenchidos por “azeite” (–animado), “óleo” (–animado) e “azeite” (–animado), em (4), (5) e (6) respectivamente.

(4) e (5) Quem não, não pode *pôr azeite põe* óleo meio malamana (sic) como eu.

(6) Às vezes, quando tem visita é que eu *ponho* azeite.

Por outro lado, na ocorrência de número (7): “Você pode *pôr* um ...”, o espaço A está preenchido por “você” (+animado), enquanto os espaços B e C não estão preenchidos, mas podem ser recuperáveis pelo discurso posterior e anterior, respectivamente, por “uma galinha” (–animado) e “na refeição” (+locativo).

Nas ocorrências (8) e (9), abaixo, fazem parte de Moves diferentes, mas com a mesma força ilocucionária de informação e motivados pela mesma situação em que Doc quer saber como se prepara estrogonofe. Nelas, o espaço A não está preenchido, mas é recuperável no discurso do próprio Loc por “você” (+animado). Ainda, os espaços B são preenchidos por “creme de leite” (–animado) e por “cebolinha ralada, cheiro verde” (–animado), respectivamente, e os espaços C por “no molho” (+locativo).

(8) Tem que *pôr* também creme de leite no molho

(9) pode *pôr* uma cebolinha ralada, cheiro verde,

Em (10) e (11), abaixo, todos os espaços estão preenchidos, em (10) por “muita gente” (espaço A, +animado), “o peixe” (espaço B, –animado) e “no leite” (espaço C, +locativo); e em (11) por “você” (espaço A, +animado), “uma gema de ovo” (espaço B, –animado) e “dentro desses caldos” (espaço C, +locativo).

(10) muita gente *põe* o peixe no leite porque amolece.

(11) desses caldos que você *põe* uma gema de ovo dentro?

Essas ocorrências fazem parte de dois Moves distintos de Loc (reação) e Doc (iniciação). Portanto, o primeiro tem força ilocucionária de informação, e o segundo de pergunta. Ainda, eles não fazem parte na mesma situação

As ocorrências de número (12) e (13) abaixo, fazem parte de um Move de

informação de Loc. Nelas, o espaço A não está preenchido, mas é recuperável no discurso, no Move de iniciação de Doc, por “você” (+animado); o B está preenchido por “ovo” (–animado); enquanto o espaço C, não preenchido, também é recuperável no Move de iniciação anterior por “desses caldos” (+locativo).

(12) e (13) Ah, também é muito nutritivo, muito gostoso, pode *pôr* ovo e pode não *pôr*, não é (sup.)

Ainda, a ocorrência (14): “Cortar as carnes direitinho, *pôr* numa travessa”, o espaço A não está preenchido, mas é recuperável no discurso imediatamente anterior por “você” (+animado), o espaço B é preenchido por “as carnes” (–animado) e o espaço C está preenchido por “numa travessa” (+locativo).

Na ocorrência de número (16): “Se *põe* a fruta, né”, os espaços A e C não estão preenchidos, sendo o primeiro recuperável no contexto da língua, marcado pelo uso da terceira pessoa do singular acompanhado de “se” (+animado e +indeterminado); enquanto o C é recuperável no discurso imediatamente anterior (o refresco +locativo). Quanto ao espaço B, esse é preenchido por “a fruta” (–animado).

Em (18): “Uma coisa que só serve pra *por* em pão”, o espaço A, não preenchido, é recuperável no discurso imediatamente anterior por “a gente” (+animado), enquanto os espaços B e C são preenchidos por “uma coisa” (–animado) e “em pão” (+locativo) respectivamente.

As ocorrências (19) e (20), abaixo, fazem parte de um mesmo Move de reação de Loc. Em (19), o espaço A não está preenchido, mas é recuperável no contexto da língua pelo uso da 2^a. ps. (+animado), o espaço B é preenchido por “um outro” (–animado) e o espaço C, por “na sala...” (+locativo). Enquanto em (20), os três espaços estão preenchidos, respectivamente, por “a gente” (+animado), “uma coisa” (–animado) e “na sobremesa” (+locativo).

(19) Tem um outro que *pões* na sala...na...Uma coisa doce, sabe?

(20) Era, é uma coisa, uma coisa que a gente *põe* na, na sobremesa, leite bati...creme de leite, né?

Na ocorrência (21): “Por exemplo, miúdo de galinha eu gosto, *põe* na farofa, sabe”, o espaço A não está preenchido, mas pode ser recuperado no contexto da

língua pelo uso da 3^a. pessoa do singular sem a presença do sujeito, imprime um traço +indeterminado a este argumento de traço +animado. Já os espaços B e C estão preenchidos respectivamente por “miúdo de galinha (–animado) e na farofa (+locativo).

A ocorrência (22): “ele faz umas coisas meio estranhas sem *pôr* no fogo”, tem todos os espaços preenchidos, a saber: espaço A por “ele” (+ animado), espaço B por “umas coisas meio estranhas” (–animado) e espaço C por “no fogo” (+locativo).

As ocorrências (23), (24), (25), (26) e (27) abaixo estão no mesmo Move de reação em que Loc. informa como se prepara uma carne. No Nível Representacional, o conteúdo proposicional desse discurso contém um episódio cujos estados de coisas formam um único bloco narrativo, na forma de uma receita culinária.

Loc. Você tem que ... Primeiro, a carne tem que ser de um dia pra outro. Eles matam um boi num dia, não é, descansam a carne. Não sei por que descansam tampouco. Ela não pode ser lavada, ela tem que descansar. *Põe* lá numa pedra, você mata o bicho, *põe*, depois, *põe* tábuas. Se for num campo, você *põe* umas tábuas, né? Deixa elas descansando de uma noite pra outra, pra ela não ficar dura, descansa pra não ficar dura. Depois, eles não lavam a carne, não *põem* água na carne, deixam ela lá o tempo todo.

Quanto ao preenchimento dos espaços, em (23) apenas o espaço C está preenchido por “lá numa pedra” (+locativo), enquanto A e B são recuperáveis no discurso imediatamente anterior. O espaço A por “você” (+animado) e o B por “a carne (–animado). Em (24) e (25), o espaço A é preenchido por “você” (+animado) e B por “tábuas” (–animado), em ambas ocorrências. Já o espaço C, também de ambas ocorrências, não está preenchido, mas é recuperável no discurso imediatamente anterior por “lá numa pedra (+locativo). Por outro lado, a ocorrência (26) e (27) apresentam todos os espaços preenchidos, a saber: (26) espaço A por “você” (+ animado), espaço B por “umas tábuas” (–animado) e espaço C por “num campo” (+locativo); em (27) espaço A por “eles” (+ animado), espaço B por “água” (traço – animado) e espaço C por “na carne” (+locativo).

Na ocorrência (28): “Lá, põem a tartaruga ali”, os espaços B e C estão preenchidos por “a tartaruga” (–animado) e “ali” (+locativo), enquanto o espaço A precisa ser recuperado no contexto da língua, pelo uso da 3^a. pessoa do plural que imprime um traço +indeterminado a este argumento de traço +animado.

Em (30): “Umas batatas, né, que *põem* lá na, na, na fogueira, né”, o espaço A, não preenchido, é recuperável no contexto da língua, marcado pela 3^a. pessoa do plural, que imprime um traço +indeterminado a este argumento de traço +animado. Já os espaços B e C estão preenchidos, respectivamente, por “umas batatas” (–animado) e “lá na fogueira” (+locativo).

Na ocorrência de numero (31): “e *põe* lá”, o espaço A não é preenchido, mas é recuperável pelo contexto do discurso e da língua. Isso porque é no Move de iniciação anterior aparece o “se” que carrega o traço de +indeterminação quando associado à 3^a. pessoa do singular. O espaço B, também não está preenchido, mas é recuperável no discurso imediatamente anterior por “iodo” (–animado), e o espaço C é preenchido por “lá” (+locativo).

A ocorrência (32): “O que que você *põe* no café?”, faz parte do Move de iniciação de Doc, cuja força ilocucionária é de pergunta. Ela apresenta todos os espaços preenchidos da seguinte maneira: espaço A por “você” (+ animado), espaço B por “o que” (–animado) e espaço C por “lá” (+locativo).

Em (33) e (34): “é só *pôr* o creme de leite, né? É, é só *pôr* o creme de leite.”, temos uma repetição, o que imprime uma força de retificação ao discurso. Além disso, o preenchimento dos espaços é exatamente igual em ambas ocorrências, a saber: os espaços A e C não estão preenchidos, mas são recuperáveis no discurso por “você” (+animado) e “lá” (+locativo), respectivamente. O espaço B é preenchido por “o creme de leite” (–animado).

Em (35): “E quando eu esqueço de co... *pôr* Dietil, aí não tem graça”, os espaços A e B estão preenchidos da seguinte maneira: espaço A por “eu” (+ animado) e B por “Dietil” (–animado). Já o espaço C é recuperável no discurso imediatamente anterior por “água bem quente” (+locativo).

Por outro lado, em (36): “*pus* a toalha bordada pra mesa e ...”, é o espaço A que não está preenchido e precisa ser recuperado no discurso anterior (“eu” +animado), enquanto os espaços B e C estão preenchidos respectivamente por “a toalha bordada” (–animado) e “pra mesa” (+locativo).

Na ocorrência (37): “a pessoa é que *põe* o molho, à vontade.”, o espaço C precisa ser recuperado no discurso anterior (“salada” +locativo), enquanto os espaços A e B estão preenchidos por “a pessoa” (+ animado) e “o molho” (–animado), respectivamente.

As ocorrências (38), (39), (40), (41), (42), (43) e (44), abaixo, aparecem em

um mesmo Move de reação, no qual que Loc. informa como fazer arroz. Como em (23), (24), (25), (26) e (27), este é um episódio que apresenta um bloco narrativo coeso, em que os estados de coisas expressos mantêm continuidade de tempo, lugar e indivíduo na forma de uma receita culinária.

Loc. Olha, bom, tem que lavar, primeiro tem que catar, depois lava o arroz, né? Depois faz aquele tempero. O tempero eu sei como é que é, que tem um livro lá em casa que eu apanho às vezes, eh, tem uma "Dona Benta", um, eu acho que é "Dona Benta" sim. E tem um tempero lá, que parece que *põe* óleo na fo... óleo na fo... óleo na panela, parece que *põe* alho, um tempero lá, tempero eu tenho que ir ver lá pra fazer. *Põe* o arroz e parece que deixa ele corar um pouco, né? Depois *põe* água. Agora tem que ver a quantidade de água senão fica papa. Depois *põe* sal, então, no livro explica, é mais, mais ou menos parece que uma xícara de arroz *põe* mais um, não sei quanto de água lá. Quando ele começa a ferver, *põe*, diminui o gás, né, pra ele secar. Depois que ele seca, aí vai ver se ficou papa ou não.

Quanto ao preenchimento dos espaços temos a seguinte configuração: todos os espaços A não estão preenchidos, mas são recuperáveis no contexto da língua, na forma de uma receita culinária (+indeterminado +animado). Já os espaços B estão todos preenchidos da seguinte maneira: em (38) por “óleo”, (39) por “alho”; (40) por “arroz”, (41) por “água”, (42) por “sal”, (43) por “não se quanto de água” e (44) por “ele”, todos com traço –animado. Por outro lado, o espaço C não apresenta um padrão. Assim, em (38) ele está preenchido por “na panela” (+locativo). Já em (39), (40), (41) e (42), o espaço C não está preenchido, mas é recuperável no discurso por “na panela” (+locativo). Em (43), ele está preenchido por “lá” (+locativo). Por último, em (44), o espaço C não está preenchido, mas é recuperável no discurso pela ideia que “pra secar” (+locativo) transmite. Isso pode ser um complicador a mais para o estudante estrangeiro.

A última ocorrência do lexema *pôr* é a de número (45): “Fria, porque a pessoa é que *põe* a quantidade de pimenta que quer”. Nela os espaços A e B estão preenchidos respectivamente por “a pessoa” (+animado) e por “a quantidade de pimenta que quer” (–animado). Enquanto, o espaço C precisa ser recuperado no discurso (“na comida” +locativo).

Aqui termina nossa análise do lexema *pôr*. A seguir apresentamos a análise das ocorrências do lexema *botar*.

4.4 O Verbo “Botar”

Nosso corpus apresentou trinta ocorrências do lexema *botar*, das quais doze pertencem ao semema de número 1, uma pertence ao semema 2, quinze pertencem ao semema 8, e duas pertencem ao semema 10, como pode ser verificado pelo quadro sinótico abaixo.

Botar	Feminino	Masculino
1. colocar; pôr	(10), (14), (15), (17), (18), (19), (22) e (23)	(7), (8), (27) e (28)
2. preparar devidamente, pôr	(25)	—
8. fazer entrar em algum lugar, ou juntar-se a outra coisa	(1), (2), (3), (4), (5), (6), (9), (11), (12), (13), (16), (20) e (21)	(29) e (30)
10. deitar, estender	(24) e (26)	—

Quadro sinótico 3– ocorrências do lexema botar

Conforme exposto anteriormente, analisamos nesta pesquisa apenas as 12 ocorrências do lexema *botar* que pertencem ao semema de número 1, levando em conta, necessariamente, o preenchimento dos três argumentos exigidos semanticamente por ele.

Assim, as primeiras ocorrências do lexema *botar* analisadas foram as de número (7) e (8) abaixo, que pertencem ao mesmo Move de reação. Nelas percebemos que: em (7), o espaço B está preenchido por “o filtro” (–animado), enquanto os espaços A e C, não preenchidos, precisam ser recuperados no discurso por “gente” (+animado) e por “o lugar” (+locativo), respectivamente.

Já na ocorrência (8), os espaços A, B e C estão preenchidos por “a gente” (+animado), por “o filtro” (–animado) e por “lá” (+locativo), respectivamente.

(7) e (8) mas já que tem lá o lugar pra *botar* o filtro a gente *botou* o filtro lá

Na ocorrência de número (10): “e *bota* (shhh) aquilo lá pra refogar”, os espaços B e C estão preenchido por “aquilo” (–animado) e por “lá” (+locativo), respectivamente. Já o espaço A, que não está preenchido, é recuperável no discurso imediatamente anterior por “você” (+animado).

Encontramos em (14): “vai *botando* do lado”, o espaço C preenchido por “do lado” (+locativo), e os espaço A e B não preenchidos, mas recuperáveis no discurso imediatamente anterior da seguinte forma: espaço A por “a gente” (+animado) e espaço B por “as bolinhas” (–animado).

Abaixo, apresentamos as ocorrências de números (15), (17), (18), (19) e (20). Todas fazem parte de um mesmo Move de reação, cuja força ilocucionária de informar organiza o conteúdo comunicado no Nível Interpessoal. Neste caso, o conteúdo comunicado corresponde ao conteúdo proposicional no Nível Representacional, que se organiza em um episódio, marcado pela continuidade de tempo, lugar e indivíduo, na forma de único bloco narrativo de uma receita culinária. Neste Move também encontramos as ocorrências de números (16) e (21) não analisadas nesta pesquisa por pertencerem a outros sememas.

LOC. – (sup.) Porque, eh, eh, o pastel, a massa do pastel tem que ser muito fina, tem que dar um ponto muito bom. E esse não, a massa é, é uma massa assim mei... mais pegajosa, assim mais pegajosa, é mais fácil de fazer. Agora, deixa eu ver se me lembro a receita da massa do rissoles. Eh, já é um, prum copo de leite, *bota* um copo de leite pra ferver. Você *bota* quantidade igual de, de farinha de trigo e uma colher, um pouco de manteiga e um pouco de sal. Você *bota* o, *bota* o leite pra ferver, quando o leite estiver quase fervendo, quando o leite estiver fervendo, você retira a panela do fogo, joga aquela, aquela fa... aquela ... *Bota* o leite pra ferver junto com a manteiga e o sal, E? *Bota* a farinha lá e mexe, mexe bem, bastante rápido, pra não, pra não embolotar. Então faz aquela massa, massa assim meio pura, você abre assim com o rolo de pastel e vai fazendo os, os ... É o formato de, de pastelzinho, E? Redondinho e depois faz meia lua. E recheia com carne, com camarão, com presunto. Depois que tiver formato de meia lua, de pastelzinho, passa no ovo e na farinha de rosca e *bota* pra fritar. Se você quiser eu escrevo. (risos) Não confie muito nessa de boca não. (risos) Mas é mais ou menos assim.

Quanto ao preenchimento dos espaços, em (15), (17), (18) e (19), o espaço C não está preenchido. Contudo, em todas essas ocorrências, ele é recuperável no discurso através da ideia transmitida por “pra ferver” que sugere que “o leite” foi colocado “no fogo” (+locativo). Aqui, como na ocorrência (44) do lexema *pôr*, temos uma situação complicadora para a compreensão do estudante de PL2E.

Por sua vez, em (15), o espaço B está preenchido por “um copo de leite” (–animado), enquanto o espaço A, não preenchido, é recuperável no discurso imediatamente anterior por “você” (+animado). Já em (17), o espaço A é preenchido por “você” (+animado) e B, que não é preenchido, é recuperável no discurso por “o leite” (–animado). Agora, nas ocorrências de números (18) e (19), o espaço B é preenchido por “o leite” (–animado), enquanto o espaço A, não preenchido, é recuperável no discurso imediatamente anterior por “você” (+animado).

Além disso, a ocorrência (20) apresenta os espaços B e C preenchidos respectivamente por “a farinha” (–animado) e por “lá” (+locativo), enquanto o espaço A, não preenchido, é recuperável no discurso por “você” (+animado).

As ocorrências (22) e (23), abaixo, apresentam uma força ilocucionária afirmativa além de informativa, apresentando inclusive uma repetição, que denota reforço da informação.

LOC. Tanto que aqui em casa, de regime, é muito fácil, E, é só deixar de fazer doce, porque ele não sente falta e pra mim, pim, *botou* doce na mesa, eu como, não tem, não tem ‘perhaps’. *Botou* lá, eu como, doce!

Quanto ao preenchimento dos espaços, encontramos a seguinte organização: o espaço A de ambas ocorrências não está preenchido, mas é recuperável no contexto da língua, marcado pela falta da expressão do sujeito (+indeterminado +animado). Já o espaço B de ambas ocorrências está preenchido por “doce” (–animado) e os espaços C estão preenchidos, respectivamente, por “na mesa” (+locativo) e “lá” (+locativo), sendo que “lá” se refere à “na mesa”.

Também, as ocorrências (27) e (28) do lexema *botar*, abaixo, apresentam uma repetição. Contudo, aqui é como se o falante precisasse de um momento para organizar seu pensamento e usasse o artifício da repetição para isso. Como consequência, os espaços de ambas ocorrências estão preenchidos pelos mesmos argumentos, como podemos verificar abaixo.

LOC. E se pudesse, *botasse* na minha (inint.) *botasse* na minha marmita, a semana toda, um ensopado de quiabo com carne fresca e a batata-doce frita, estava satisfeito.

Os espaços A não foram preenchidos, mas são recuperáveis no discurso por “eu” (+animado). Por outro lado, o espaço B é preenchido na ocorrência (28) por “um

ensopado de quiabo com carne fresca e a batata-doce frita” (–animado), enquanto que na ocorrência (27) anterior, este mesmo argumento, apesar de não estar preenchido, é recuperável no discurso. A mesma coisa acontece com relação ao espaço C, que em (28) é preenchido por “na minha marmitta” (+locativo), enquanto que em (27), ele é recuperável no discurso imediatamente posterior.

Assim terminamos nossa análise do lexema *botar* e passamos para a análise das ocorrências do lexema *colocar*.

4.5 O Verbo “Colocar”

No total de ocorrências, nosso corpus apresentou dezessete ocorrências do lexema *colocar*. Dessas, quinze pertencem ao semema de número 2 e duas pertencem ao semema de número 3, como mostra o quadro abaixo.

Colocar	Feminino	Masculino
2. pôr, depositar	(1), (3) e (5)	(2), (6), (7), (8), (9), (10), (11), (13), (14), (15), (16) e (17)
3. situar (-se), dispor (-se) (em lugar, posição, situação etc.) posicionar	(4)	(12)

Quadro sinótico 4 – ocorrências do lexema colocar

Como nossa pesquisa analisou somente as ocorrência que pertencem ao semema 2, a presente análise se resume à 15 ocorrências, conforme mostra o quadro acima. Nessas ocorrências, verificamos principalmente o preenchimento dos espaços exigidos semanticamente pelo predicado, que no caso do semema 2 são 3: espaço A, B e C.

A primeira ocorrência analisada foi a de numero (1): “lá em casa a gente costuma, eh, *colocar* germe de trigo no arroz”. Nela, encontramos todos os espaços preenchidos da seguinte forma: espaço A por “a gente” (+animado), B por “germe de trigo” (–animado) e C por “no arroz” (+locativo).

Já na ocorrência de número (2): “o cloro que se quer, que é *colocado* na

estação de tratamento”, temos os espaços B e C preenchidos respectivamente por “o cloro” (–animado) e por “na estação de tratamento” (+locativo); enquanto o espaço A, não preenchido, é recuperável pelo contexto da língua, marcado pelo uso da voz passiva que imprime um traço +indeterminado ao traço +animado deste argumento.

Na ocorrência de número (3): “depois *coloca* elas lá”, o espaço A não está preenchido, mas é recuperável no discurso por “você” (+animado); enquanto os espaços B e C estão preenchidos respectivamente por “elas” (–animado) e por “lá” (+locativo).

Por outro lado, encontramos na ocorrência (5): “onde eu possa *colocar* as travessas”, os espaços A e B preenchidos, respectivamente, por “eu” (+animado) e por “as travessas” (+locativo); enquanto o espaço C, não preenchido, é recuperável no discurso por “no aparador” (+locativo).

As ocorrências (7), (8) e (9) aparecem no mesmo Move de reação, em que o conteúdo comunicado corresponde ao conteúdo proposicional, organizado em um único bloco narrativo. Este episódio tem a forma de uma receita de cocada, como podemos verificar abaixo.

LOC. - Ah, eu sei que rala coco, *coloca*, acho que *coloca* água e açúcar, pra pegar um determinado ponto e depois associa o açúcar, associa o coco ralado. Quer dizer que aí depois quando tem determinado ponto, ela tira, tira da panela, *coloca* na, na pedra mármore, ela esfria, então vai tomando aquela consistência da cocada.

Aqui, as ocorrências do lexema *colocar* em (7) e (8) são uma repetição um do outro, em que os espaços A não estão preenchidos, mas são recuperáveis no Move de iniciação imediatamente anterior, por “elas” (+animado +indeterminado). Já o espaço B, em (8) está preenchido por “água e açúcar” (–animado), enquanto em (7), este mesmo argumento é recuperável no discurso imediatamente posterior. Por outro lado, o espaço C de ambas ocorrências não está preenchido, mas é recuperável no discurso por “coco”, que aqui assume um traço +locativo.

A ocorrência (9), apesar de fazer parte do mesmo episódio, apresenta os espaços A e C preenchidos, respectivamente, por “ela” (+animado +indeterminado) e por “na pedra mármore” (+locativo), enquanto o espaço B, não preenchido, é recuperável no discurso imediatamente posterior por “a cocada” (–animado).

O preenchimento dos espaços que encontramos na ocorrência de número (10): “É a pele do porco que se compra e *coloca* na feijoada”, apresenta os espaços B

e C preenchidos, respectivamente, por “a pele de porco” (–animado) e por “na feijoada” (+locativo). Já o espaço A, que não está preenchido, é recuperável no contexto da língua (+indeterminado +animado), pois é marcado pelo uso de “se” associado à 3ª. pessoa do singular.

A ocorrência (12): “eh, como é o nome daquilo que se *coloca* em cima do repolho, crava”, apresenta, também, o espaço A recuperável no contexto da língua pelo uso de “se” associado à 3ª. pessoa do singular (+indeterminado +animado). Os espaços B e C, no entanto, estão preenchidos por “aquilo” (–animado) e por “em cima do repolho” (+locativo), respectivamente.

Por sua vez, na ocorrência (13): “nós que colocamos o açúcar no café”, todos os espaços estão preenchidos da seguinte forma: espaço A por “nós” (+animado), B por “o açúcar” (–animado) e C por “no café” (+locativo).

A seguir analisaremos separadamente as ocorrências (14), (15), (16), (17) e (18). Essas, apesar de possuírem a mesma temática, não estão no mesmo Move, mas em Moves de reação que se seguem um ao outro.

(14) Aquele molho inglês eu gosto muito de *colocar* na carne.

(15) E gosto também de *colocar* pimenta.

(16) e (17) Mostarda eu não gosto muito pra *colocar* em carne, ‘ketchup’ às vezes *coloco*.

(18) e pimenta às vezes eu também *coloco*.

Em (14), todos os espaços estão preenchidos: A por “eu” (+animado), B por “aquele molho inglês” (–animado) e C por “na carne” (+locativo). Já em (15), os espaços A e C não estão preenchidos, mas são recuperáveis no discurso por “eu” (+animado) e por “na carne” (+locativo), enquanto B está preenchido por “pimenta” (–animado).

Em (16), os três espaços A, B e C estão preenchidos, respectivamente, por “eu” (+animado), “mostarda” (–animado) e “em carne” (+locativo). Como as ocorrências (16) e (17) fazem parte do mesmo enunciado, os espaços A e C, que em (17) não estão preenchidos, são recuperáveis no discurso anterior por “eu” (+animado) e “em carne” (+locativo), respectivamente; enquanto o espaço B é preenchido por “ketchup” (–animado).

Por sua vez, a ocorrência (18) apresenta os espaços A e B preenchidos

respectivamente por “eu” (+animado) e por “pimenta” (–animado), enquanto o espaço C, não preenchido, é recuperável no discurso anterior por “em carne” (+locativo).

Aqui termina a análise do lexema *colocar* como se apresenta no nosso corpus, nas ocorrências em que pertence ao semema 2.

4.6 Considerações Finais

Nossa análise, por mais restrita que seja em se considerando o número de ocorrências reais da língua, nos permitiu confirmar os traço apontados na revisão da literatura a respeito desses verbos, a saber: expressa ato realizado com +/-proporção ou +/- de qualquer modo, bem como o uso de linguagem +/-polida ou +/-popular.

Primeiramente, a escolha do falante pelo lexema *colocar* imprime polidez à expressão linguística e proporcionalidade ao ato realizado. A ocorrência (5) desse lexema – “onde eu possa *colocar* as travessas” – sugere que o falante imprimiu a sua expressão linguística a ideia de que ato descrito foi realizado com proporção e simetria, bem como usou de polidez.

Em segundo lugar, a escolha do falante pelo lexema *botar* imprime à expressão linguística uma linguagem popular, sem qualquer noção a respeito da forma como o ato é realizado. Na ocorrência (10) desse lexema – “Bom, a carne você tempera antes, né, bem picadinha e *bota* (shhh) aquilo lá pra refogar” – sugere que o falante expressou o desejo de se aproximar do ouvinte e nada expressou quanto a simetria com que o ato ocorreu. Sabemos, também, que este é o tipo de linguagem usada em receitas culinárias que, normalmente, imprimem uma aproximação entre falante e ouvinte.

Por último, a escolha do falante pelo lexema *pôr*, não imprime nenhum traço no que diz respeito ao tipo de linguagem usada pelo falante, mas expressa que o ato foi realizado de qualquer maneira. Na ocorrência (3) desse lexema – “mas você não pode *pôr* na mesa” – podemos perceber que a informação mais relevante do enunciado é a que se refere aquilo que não pode ser posto na mesa. Talvez, por isso, o falante não tenha se preocupado com o tipo de linguagem (polida ou informal), e tenha escolhido expressar o ato foi realizado de qualquer maneira; uma vez que isso imprime ao enunciado a idéia de que a maneira com que o ato foi realizado é de

menor importância se comparado ao fato de não se poder se alimentar adequadamente.

A presente pesquisa, também, nos permitiu identificar que nem sempre os três argumentos exigidos pelo verbo estão preenchidos no enunciado. Contudo, verificamos que, mesmo quando isso aconteceu, a comunicação foi eficaz, pois os argumentos faltantes foram de alguma forma recuperados, seja no contexto do próprio discurso ou no contexto da língua.

Ainda, a suposição apresentada na introdução quanto ao maior número de ocorrências do verbo *colocar*, baseada no que a colunista da Folha online Thaís Nicoleti de Camargo escreveu em sua coluna, não se comprovou em nosso corpus. No universo aqui descrito, as ocorrências do lexema *pôr* aparecem em maior número. Contudo, sabemos que isso pode ter ocorrido devido ao contexto informal no qual ocorreu a interação verbal analisada.

No entanto, verificamos que em enunciados de indivíduos do sexo feminino as ocorrências dos lexemas *pôr* e *botar* são maiores do que as do lexema *colocar*; enquanto que nos de indivíduos do sexo masculino as ocorrências dos lexemas *pôr* e *colocar* são maiores do que do lexema *botar*.

Levando em consideração que 100 por cento das ocorrências dos lexemas em enunciados de indivíduos do sexo feminino é igual a 56, temos que, aproximadamente, 48 por cento dessas ocorrências foi do lexema *pôr*, 43 por cento do lexema *botar* e apenas 9 por cento do lexema *colocar*. Por outro lado, levando em consideração que 100 por cento das ocorrências dos lexemas em enunciados de indivíduos do sexo masculino é igual a 37, temos que, aproximadamente, 48,6 por cento dessas ocorrências foi do lexema *pôr*, 35,2 por cento do lexema *colocar* e 16,2 por cento do lexema *botar*.

Dentro do universo acima descrito, podemos concluir que indivíduos do sexo feminino imprimiram com mais frequência o traço popular em suas expressões linguísticas, enquanto os indivíduos do sexo masculino imprimiram com mais frequência o traço de polidez e, também, de proporcionalidade a seu enunciado. Além disso, um percentual praticamente igual de indivíduos de ambos sexos optaram por imprimir um traço +de qualquer modo a seus enunciados.

5 Conclusão

Ao iniciarmos nossa pesquisa acreditávamos ser possível analisar quatro temas dentro da corpora do NURC. Contudo, no decorrer da mesma isso mostrou-se inviável devido ao grande número de ocorrências dos lexemas *colocar*, *botar* e *pôr* em cada um desses temas desta corpora. Até mesmo a análise de um só tema se mostrou grande demais. Por isso, fizemos uma segunda filtragem de dados, dessa vez pelo campo semântico das ocorrências dos lexemas estudados dentro do tema alimentação. Assim, conseguimos selecionar 40 ocorrências do lexema *pôr*, 12 ocorrências do lexema *botar* e 15 ocorrências do lexema *colocar*.

Tudo isso aponta para a necessidade de novas pesquisas sobre esses lexemas com vistas a expandir não só os sememas abordados, como também, ou outros temas em que eles se inserem.

No que diz respeito à área de PL2E, principalmente, mais estudos nesse sentido se fazem necessários. Ocorre que este tipo de pesquisa é de grande auxílio aos professores de português como segunda língua e, também, de português como língua estrangeira, uma vez que a verificação do uso desses lexemas pelos falantes nativos ajudará na elaboração de aulas e exercícios sobre o assunto. Além disso, esse tipos de análise descritiva nos aponta para possíveis dificuldades dos alunos estrangeiros.

É fato que o falante nativo não precisa ser instruído quanto ao uso desses lexemas, pois isso é aprendido por ele no decorrer do seu processo de aquisição de linguagem. Por outro lado, saber o que motiva essa escolha é de grande ajuda aos estudantes de português como segunda língua ou como língua estrangeira, pois só assim esse grupo de indivíduos poderá ser capaz de realizar uma comunicação realmente eficaz.

Conseguimos verificar com esta pesquisa que, quando o falante nativo escolhe um dos lexemas aqui estudados, ele é motivado por questões de cunho pragmático que influenciam a semântica que rege as entidades que se combinam aos predicados. Além disso, dentre os sememas aqui estudados - lexema *colocar*, semema 2, lexema *botar* semema 1 e lexema *pôr* semema 1 -, verificamos que o predicado exige três argumentos para que a comunicação seja eficaz.

O quadro abaixo foi elaborado com a intenção de visualizarmos melhor essa questão.

Nível Interpessoal (valor pragmático)	Nível Representacional (valor semântico)			
Conteúdo Comunicado (corresponde ao) Conteúdo Proposicional				
motivado por desejo de expressar	espaço	A	B	C
proporção/simetria do ato polidez da expressão linguística	colocar	+animado	-animado	+locativo
linguagem popular	botar	+animado	-animado	+locativo
não preocupação com proporção ou simetria (de qualquer modo)	pôr	+animado	-animado	+locativo

Quadro sinótico 5

O quadro mostra que o falante é motivado, no nível pragmático, por aquilo que deseja expressar ao ouvinte. Melhor dizendo, ele deseja modificar a informação pragmática do ouvinte de uma determinada maneira, por isso seleciona como e o que quer que sua expressão linguística expresse. Quando, por exemplo, o indivíduo é motivado pelo desejo de expressar proporção e simetria de um estado de coisas que envolva um ato realizado por um dos lexemas estudados, ele opta pelo lexema *colocar*; quando a motivação é o uso de uma linguagem popular, ele opta lexema *botar* e quando a motivação é expressar a não preocupação com a simetria ou proporção, ele opta pelo lexema *pôr*.

Além disso, a escolha de um ou outro lexema acarreta certa configuração de argumentos, que nesses casos são invariavelmente três. Cada um desses argumentos carrega traços próprios: A + animado, B -animado e C + locativo. Acontece que, em enunciados reais, os espaços podem ser omitidos sem que a eficácia da comunicação fique comprometida, basta que essa informação possa ser recuperada ou inferida no próprio discurso ou no contexto da língua.

Nesse sentido, encontramos em nosso corpus variadas configurações de argumentos no que tange aqueles que não estão preenchidos. Porém, como em todos os casos estudados a comunicação foi eficaz, os argumentos foram recuperados. Na maioria das vezes isso ocorreu dentro do próprio discurso do falante. Contudo, houve situações em que foi preciso recorrer ao contexto da língua, seja sua estrutura, como

no caso de indeterminação do espaço A, seja no contexto em que o próprio discurso está inserido, como no caso de o espaço C indicar um locativo cuja ideia remete ao discurso de uma receita culinária.

Como mencionado anteriormente neste capítulo, acreditamos que esta seja apenas uma pesquisa preliminar sobre os campos semânticos desses verbos, principalmente, no que tange o ensino de PL2E. Durante o desenvolvimento deste estudo muitos pontos foram observados a esse respeito. Acreditamos, por exemplo, que a simples ampliação do corpus e dos sememas estudados traga uma maior variedade de informações. Contudo, podemos ir mais longe, como por exemplo, incluir outros verbos cujo campo semântico seja intercambiável (*meter* e *deitar*, por exemplo, que estão junto dos verbos *botar*, *colocar*, e *pôr* no dicionário de sinônimos de Antenor Nascente). Podemos ainda, em futuras pesquisas, tentar verificar quais operadores no Nível Representacional, por exemplo, modificam os traços expressos por esses lexemas.

5.1

Proposta de atividade em sala de aula de PL2E.

Com base no que foi aqui apresentado e tendo em vista que o objetivo desta pesquisa são as aulas de PL2E, finalizamos essa monografia com a elaboração de atividades direcionadas a alunos do nível 3 de PL2E.

----- // -----

Como escolher entre os verbos sinônimos pôr, colocar e botar
(texto elaborado por Monica Chaves)

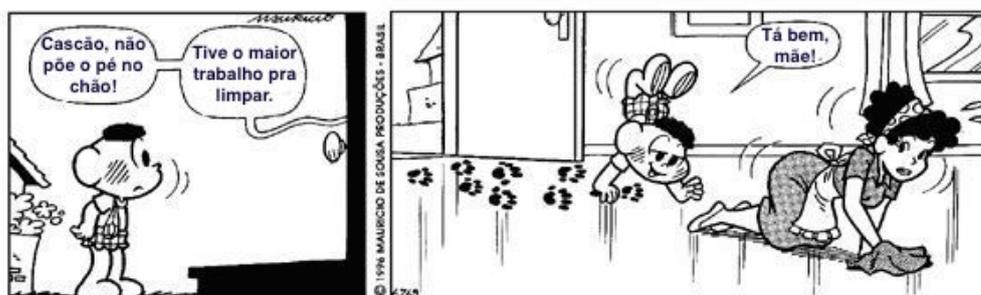
É verdade que os verbos colocar, botar e pôr são sinônimos e que, por isso, podem substituir uns aos outros na grande maioria das situações de fala.

Acontece que, excetuando as situações em que a substituição não é possível, como em “o sol se pôs mais cedo hoje”, é muito difícil perceber o porquê da escolha do falante nativo por um desses verbos.

Antenor Nascente, em seu dicionário de sinônimos, nos diz que o verbo colocar é de uso mais polido e significa pôr no devido lugar com proporção e

simetria, como no exemplo: Coloca-se um quadro na parede, em lugar onde receba luz boa. Por outro lado, o verbo pôr é mais genérico, significa ficar num lugar, de qualquer modo. Enquanto o verbo botar é de uso mais popular e se emprega com o significado dos outros dois, como nos exemplos: “Bote o copo no seu lugar”, “Bota água no vinho” e “Bota o dinheiro dentro da bolsa”.

(1) Com base nas informações, acima, a respeito do uso dos verbos colocar, botar e pôr, reflita sobre a escolha dos verbos nos quadrinhos abaixo. (em duplas)



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6769



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5453



(2) Agora, escolha um dos quadrinhos acima e justifique a escolha do verbo usado.

- (3) Abaixo, encontramos trechos de algumas crônicas do autor Luis Fernando Veríssimo tiradas da coletânea do livro *Crônicas para Ler na Escola*. Preencha as lacunas com os verbos colocar, botar e pôr e justifique sua escolha. (em duplas)

Segurança

Os quatro afinam seus instrumentos. Depois, silêncio. Aquela expectativa nervosa que precede o início de qualquer concerto. As últimas tossidas da plateia. O primeiro violinista consulta seus pares com um olhar discreto. Estão todos prontos, o violinista _____ o instrumento sob o queixo e posiciona seu arco. Vai começar o recital.

O Marajá

Ela não podia entrar na biblioteca. Sua jurisdição acabava na porta. Ali dentro, só ele podia limpar, e nunca limpava. E, nas raras vezes em que dona Morgadinha chegava à porta do escritório proibido para falar com o marido, ele fazia questão de desafiá-la. _____ os pés em cima dos móveis. Atirava os sapatos longe.

O Ator

O homem olha em volta, atônito. Descobre que sua casa não é uma casa, é um cenário. Vem alguém e tira a pasta e o jornal de suas mãos. Uma mulher vem ver se a maquiagem está bem e _____ um pouco de pó no seu nariz. Aproxima-se um homem com um script nas mãos dizendo que ele errou uma das falas na hora de beijar as crianças.

- (4) Agora é sua vez: complete os diálogos ou frases abaixo, utilizando os verbos estudados de acordo com as orientações.

Dois amigos estão numa mesa de bar tomando cerveja. Quando o copo de um deles fica vazio, ele pede ao amigo para encher seu copo.

João: Meu irmão, meu copo tá vazio, _____

Pedro: _____

Os livros de Maria estão muito bagunçados. Ela precisa organizá-los na estante e pretende fazê-lo por ordem alfabética, por isso não vai sair esta noite.

Maria não vai sair hoje, porque _____

Duas pessoas estão comendo. Uma delas acha que a comida está horrível. A outra, então, diz que a cozinheira não soube temperar a comida.

Antônio: Nossa! A comida está horrível!

Fernanda: A cozinheira não _____

----- // -----

Os exercícios propostos foram apenas uma sugestão de como abordar esse assunto em sala de aula. Nossa intenção foi apenas elaborar atividades para serem trabalhadas numa abordagem funcionalista com foco na metodologia comunicativa. Embora com pequenas adaptações o material coletado é, prioritariamente, autêntico.

Nosso objetivo foi fazer o aluno, a partir daquilo que encontramos registrado como norma, compreender o uso desses verbos pelos falantes nativos, e acima de tudo fazê-los praticar com exercícios de reflexão e de elaboração o uso desses verbos.

Nesse sentido, a proposta do exercício (1) é levar os alunos a uma reflexão quanto ao uso dos verbos *colocar*, *botar* e *pôr*, para que eles possam perceber os traços que pressupõem a escolha por um deles. Assim, por exemplo, no primeiro quadrinho, a mãe do Cascão usa o verbo *pôr*, por querer enfatizar que ela não queria que ele sujasse o chão, não que ele usasse as mãos ao invés dos pés. No segundo quadrinho, a Mônica quis enfatizar a maneira perfeita e simétrica do ato de fixar o papel, por isso usou o verbo *colocar*. O último quadrinho é uma conversa entre amigos sem maiores preocupações, por isso o uso do verbo *botar*. Esse exercício é melhor se feito em pares ou trios, pois enriquece a reflexão.

O exercício (2) pega onde o exercício (1) parou e pede aos alunos que escrevam uma justificativa para o uso do verbo em um dos quadrinhos. Essa justificativa deve ser feita individualmente e depois compartilhada com o grupo oralmente. Assim, o professor terá a oportunidade de verificar a compreensão de cada um dos alunos e promover algumas discussões caso isso se faça necessário.

O exercício (3) apresenta trechos de crônicas em que a ocorrência dos verbos em questão foi retirada. O objetivo é que os alunos, em pares ou trios, leiam o trecho e escolham dentre os verbos *colocar*, *botar* e *pôr* aquele que melhor se aplica a situação do texto. Durante a correção, o professor apresentará aos alunos os textos originais, para que seja feita uma comparação. Aqui o importante é que os alunos justifiquem suas respostas, não que elas sejam iguais ao original do Veríssimo. Assim, estaremos fixando o conteúdo abordado.

Por fim, no exercício (4) os alunos terão que formular frases ou diálogos usando os verbos abordados de acordo com uma situação específica. Nosso objetivo aqui será avaliar a compreensão que o aluno tem das situações de uso desses verbos. Mais uma vez, não há certo ou errado, contanto que o aluno justifique sua resposta, com base no que aprendeu.

Acreditamos que através de exercícios como os propostos o aluno estrangeiro poderá não só se apropriar do conhecimento sobre o uso desses verbos, mas também usá-los de maneira eficaz.

6

Bibliografia

AULETE, C. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Geiger, P. (org.) Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português do brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRITO, M. E. D. A. de. **Complementação verbal: estudo dos complementos nominais básicos do verbo do português**. Rio de Janeiro: PUC, 1986.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Funcionalismo Holandês: Da Gramática Funcional à Gramática Funcional do Discurso**. *Sinótica Especial*, n.2, p. 167-180, 2006

_____. **Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial**. São Paulo: Unesp, 2011.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do Português brasileiro**. 1ª. ed., 3ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

PIETROFORTE, A. V. S. *Semântica lexical*. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J.L. *Functional discourse Grammar*. In: Bernd & Narrog, Heiko eds, **The Oxford handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press.

MOURA NEVES, M. H. de. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A gramática de usos do português**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Uma visão geral da gramática funcional**. *Alfa*, São Paulo, 38: 109-127, 1994.

NASCENTES, A. **Dicionário de sinônimos**. 4ª. edição. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

PERINI, M. A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Fonte da coleta do corpus: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>

7

Anexos

7.1

Entrevistas NURC

DIÁLOGOS ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID):

Tema: "Alimentação"

Inquérito 0002

Locutor 0003 - Sexo feminino, 44 anos de idade, pais cariocas, professora de filosofia. Zona residencial: Sul

Data do registro: 18 de outubro de 1971

Duração: 43 minutos

Ocorrências do lexema *pôr* de números (1) e (2), que não foram analisadas por pertencerem ao semema 7.

DOC. - E você podia me dizer os tipos de refeições que as pessoas fazem durante o dia entre nós?

LOC. - Em casa ou na rua?

DOC. - Em casa (sup.)

LOC. - (sup.) Em casa. Bom, o café da manhã, o almoço, o lanche antigamente que se *punha* aquela mesa já está abolido, agora o cafezinho com biscoitinho, né? Eu fui criada por exemplo no sistema de *pôr* a mesa do lanche, não é, e o jantar.

Ocorrência do lexema *pôr* de número (3).

DOC. - E o almoço?

LOC. - O almoço? Uma carne, um peixe, um legume, arroz e feijão pras crianças e

massa, né? Mas sempre carne e legume. E sobremesa, ou fruta ou doce, ou ambas. (riso) Tudo é uma questão de orçamento, viu? Muitas vezes você sabe o que deve ter, mas você não pode pôr na mesa.

Ocorrências do lexema *pôr* de números (4), (5) e (6)

DOC. - Você falou em salada, o que é que normalmente entra na salada?

LOC. - Bom, vegetais crus, folhas, alface, tomate, agrião, beterraba. Se você quiser também pode ter umas latinhas como complemento, 'petit-pois', palmito, ovos cozidos e azeite, né? Quem não, não pode pôr azeite põe óleo meio malamana (sic) como eu. Às vezes, quando tem visita é que eu ponho azeite.

Ocorrência do lexema *pôr* de número (7).

DOC. - Você falou que, que havia sempre carne no almoço (inint.)

LOC. - Bom, a carne está bem cara, né, muita gente não come em toda refeição. Agora inda (sic) é o mais barato, viu, porque alimenta melhor. Você pode pôr um... Uma galinha sai mais caro que um quilo de carne e não alimenta tanto, um peixe, isso pra variar, você não vai fazer sempre uma carne.

Ocorrências do lexema *pôr* de números (8) e (9), e do lexema *botar* de números (1) e (2). Os lexemas de *botar* aqui apresentados não foram analisados por pertencerem ao semema 8.

LOC. - Estrogonofe você pega o filé-mignon, que é o ideal, né, depois você tem que acompanhar com o molho de 'champignon', porque a graça dele é o molho, né, como diz o Simonal, não é? E o 'champignon'? E os temperos que quiser, dependendo do, do paladar. Tem que pôr também creme de leite no molho.

DOC. - Você podia nos explicar como fazer, desde que você compra a carne até que você serve? Quais são as etapas pra você ter o estrogonofe na mesa?

LOC. - O estrogonofe? Bom, você sabe, é muito variada isso, né, cada um faz de um modo, eu vou explicar o modo que eu faço. Geralmente, já fiz estrogonofe até de alcatra, viu, com alcatra bem fresquinha, agora você ... O ideal é fazer com filé-mignon mesmo. Primeiro limpa bem a carne, né, tira toda a gordurinha, depois você parte em tornetes (sic) não muito pequenos, porque fica muito pe... muito menor quando cozido, viu? E deixa descansar no molho fino, um vinho, pode pôr uma cebolinha ralada, cheiro verde, descansa por uns, por um, umas horinhas, pra dar melhor gosto. Depois você refoga com manteiga ou margarina misturadas, doura bem, doura bem e vai pingando água, até cozinhar. E depois, no fim de tudo, você, você faz o molho. Bota o creme de leite e o 'champignon' previamente aferventado. Quase na hora de ir pra mesa você joga aquele molho. Com o molho da própria carne e o creme de leite fica uma delícia, desde que as proporções estejam certas, não é? Vai a, você bota os temperos a olho, quem tem prática. Senão vai num livro de cozinha, que agora tem maravilhosos, aí, em linguagem muito acessível.

Ocorrência do lexema *pôr* de número (10).

DOC. - Agora e no capítulo dos peixes que você já falou aí, qual é a sua predileção? Como é que você poderia nos explicar o prato de peixe (inint.)

LOC. - Bom, peixes existem também de várias categorias, né? Como mais finos você tem o badejo, o robalo, você pode comprar também já nos supermercados, pra toda hora, esses pacotinhos de filé de Pescal congelados, que bem temperadinhos já quebra um galho, né? Passa no ovo, faz-se à milanesa ou temperado com limão e sal ou leite, muita gente *põe* o peixe no leite porque amolece.

Ocorrência do lexema *botar* de número (3). Essa ocorrência não foi analisada por pertencer ao semema 8.

DOC. - Agora você disse que com o ovo se fazem várias coisas entre elas bolo. Você poderia nos descrever como se faz um bolo? O bolo de sua preferência na sua casa, como é que é?

LOC. - Bom, eu gosto muito de bolo de chocolate, sabe, eh, é uma receita que eu já sei de cor, ham, porque eu faço muito, sabe? É farinha de trigo, não é, manteiga, leite, ovo, boto aquele chocolate em pó Nestlé, que eu acho o melhor e o mais parecido com as receitas estrangeiras, que é o que fica mais pretinho, fermento Royal, que entra em todo bolo.

Ocorrências do lexema *pôr* de números (11), (12) e (13), e do lexema *botar* de números (4) e (5). Os lexemas de *botar* aqui apresentados não foram analisados por pertencerem ao semema 8.

DOC. - (inint.) e desses caldos que você põe uma gema de ovo dentro?

LOC. - É um consomê, não é?

DOC. - Consomê.

LOC. - Ah, também é muito nutritivo, muito gostoso, pode pôr ovo e pode não pôr, não é (sup.)

DOC. - (inint./sup.) dizer os nomes (inint.)

LOC. - Consomê com ovo e sem ovo, né? Agora o caldo de carne você faz geralmente com músculo, quanto mais tempo ficar na, no fogo mais gostoso, porque dissolve bem a carne, ela se desmancha mesmo. Você vê que nos navios eles deixam aquele consome cozinhando nas caldeiras meses ou por exemplo duas semanas, é o tempo da viagem, fica aquela carne, fica desmanchando. Naturalmente vão usando, né? Não é, não é guardando, aquilo tudo vai, vai entrando e vai saindo. Agora quanto mais tempo ele fica no fogo, mais saboroso. E tem também esses caldinhos prontos, meu Deus, esses tabletinhos Knorr aí, quem não conhece? Faz num minuto aquilo, bota no feijão, bota numa sopa qualquer aquilo, quebra um galho danado.

Ocorrência do lexema *pôr* de número (14).

DOC. - Você acha que a cozinha do Rio de Janeiro tem algum prato típico? Se a gente tivesse que convidar um estrangeiro e apresentar propriamente alguma coisa nossa (inint.)

LOC. - Bom, do Rio de Janeiro propriamente, não (sup.)

DOC. - (sup.) Brasileiro então.

LOC. - Bom, brasileiro é a clássica feijoada, né?

DOC. - Sei. Como é que se faz (sup.)

LOC. - (sup.) Que é apreciada por um certo número de estrangeiros, mas não por todos. Porque tem uma ilusão (sup.)

DOC. - (sup.) Sim (sup.)

LOC. - (sup.) Que todos adoram. Pra começar acho muito feia, o aspecto. Horrenda. Agora você também tem que apresentar, né? Cortar as carnes direitinho, pôr numa travessa, são servidas geralmente com couve e com laranja, não é?

Ocorrência do lexema *pôr* de número (15). Esta ocorrência não foi analisada por pertencer ao semema de número 7.

DOC. - E têm nome as diferentes panelas?

LOC. - Têm. As panelas por exemplo de duas alças, para o feijão, é o caldeirão. Aquela que só tem um cabo, redonda, é a frigideira, pra fazer os bifés, as frituras e os ovos estrelados. Uma panela mais ou menos grande pro arroz e pro macarrão. Você tem que ter aquelas separadinhas, uma pro café, que você não misture com outras porque não dá gosto de gordura, não é? E as fôrmas de bolo todas, os tabuleiros. Agora a comida servida na mesa é nas travessas, né, na baixela, que é o coletivo. Então as travessas também têm vários tamanhos. Tem umas que são mais fundas, pro arroz, pro feijão, tem as, as de tamanho maior pro, dependendo do número de pessoas que estejam na mesa, né? Baixela tem travessas e a molheira, que faz parte da baixela, com os molhos separados. E os talheres, copos, pratos, tudo isso numa mesa bem posta.

Inquérito 0029

Locutor 036

Sexo feminino, 27 anos

Data do registro: 02 de dezembro de 1971

Duração: 50 minutos

Ocorrência do lexema *pôr* de número (16).

Doc. Você faz diferença entre laranjada, entre refresco e suco?

Loc. Faço. O, o refresco a gente... Se põe a fruta, né, o, o, o sumo, né, o suco da, da fruta e com água, né?

Ocorrência do lexema *botar* de número (6). Esta ocorrência não foi analisada por pertencer ao semema de número 8.

Loc. Durante o dia eu tomo muito café e nas refeições. Com muito açúcar...

Doc. Como é que você... Ah, sim.

Loc. ...com muito açúcar.

Doc. E, e, como é que você gosta? Além de botar muito açúcar, você tem alguma assim preferência pelo, pelo tipo de café, a maneira que ele é feito, eh, como ele se apresenta (fala entre circunstantes/inint.)

Ocorrência do lexema *pôr* de número (17). Esta ocorrência não foi analisada por pertencer ao semema de número 5.

Loc. É, que eu esteja lembrando assim, sabe, em termos de característico, eh, eu, o que, o que me lembro logo é a minha viagem à Bahia, né?

Doc. Sim, sim.

Loc. Então, lá, eu cheguei... Que a minha família é baiana, né, então de certa forma, eu conheço e, e gosto. Porque eu acho que não é uma comida fácil de se gostar, não. Mas, mas, lá, eu, eh, como todo mundo que chega novo no lugar, né, cheguei logo comendo tudo, eh, eh, tudo que eu encontrava na minha frente. Acabei passando mal à beça. Mas, eh, aquelas...Acarajé, eh, abará, aquele que tem na baiana assim na rua,

né? Porque lá em casa, por exemplo, em certas datas, se faz um prato baiano, entende? E dá um trabalho danado! Por exemplo, caruru é uma coisa que costuma, é um prato que costuma ter no tempo de Santa Bárbara. Inclusive mamãe pega um pratinho bonitinho e põe pra Santa Bárbara (riso).

Ocorrência do lexema *colocar* de número (1) e do lexema *pôr* de número (18).

Doc. (inint.) são produtos especiais, né?

Loc. São, são, são alimentos, eh, não industrializados, né? Por exemplo, não refinados, sabe?

Doc. Sim.

Loc. E eu, eu acredito, pelo que eu, pelas conversas assim com meus amigos, etc. e e, pelas explicações que me foram dadas, né, eh, em bases assim mais científicas, que nesse tipo de alimento a gente vai encontrar, assim, eh, eh, o alimento assim em seu estado mais natural, ele vai oferecer à gente mais, mais vitamina, entende? Quer dizer... Então, eh, outro dia eu fui nessa loja e aí eu tive vontade de ficar um tempão lá. Eu encontrei um monte de coisas interessantes. Por exemplo, eu encontrei, eh, aquele, aquele tipo de grão-de-bico, sabe? Eh, tinha maçã, eu não sei o que era aquilo (inint.) E aí eu cheguei até a comprar o pão integral, sabe? Comprei, mas demorei a comer, ele acabou apodrecendo aqui em casa. Mas deixa eu ver o que mais... Ah, eu, lá em casa a gente costuma, eh, colocar germe de trigo no arroz. Uma coisa que só serve pra pôr em pão. Tem muita gente que não entende.

Ocorrências do lexema *pôr* de números (19) e (20).

Doc. Carne de porco, mas preparada como? Você não se lembra, não?

Loc. Eu acho que aquilo era ao forno, ao forno. E estava com um molho muito bom. Era um molho de... Tinha maçã (sup.)...

Doc. (sup.) Sim.

Loc. (sup.) Leite. Não sei se, se era leite ou se aquele...Tem um outro que pões na

sala...na...Uma coisa doce, sabe? Eu gosto de doce misturado com salgado. Era, é uma coisa, uma coisa que a gente põe na, na sobremesa, leite bati...creme de leite, né?

Ocorrência do lexema *pôr* de número (21).

Doc. Como é que você mais gosta? Você gosta de comer galinha?

Loc. Gosto. Essa, essa que vai no forno, né, eh, normalmente, quando tem lá em casa vem com farofa, com coisas doces misturadas também, sabe? E... Mas, normalmente essa é a que eu mais gosto, mas quando, normalmente, tem, é a ensopada, eu acho que é porque rende mais. (riso) Vem com... Aí tem batata, né? (sup.)

Doc. Hum, hum.

Loc. Serve com arroz, tem de servir com arroz. Ah, e tem várias partes, né, a galinha. Por exemplo, miúdo de galinha eu gosto, põe na farofa, sabe?

Ocorrência do lexema *pôr* de número (22).

Doc. Como é, normalmente, que você gosta da, da sua alimentação, assim? Você costuma comer comida fria ou você só come comida quente, você faz absoluta questão de que, de que a comida seja quente, ainda?

Loc. Ah, eu não faço não, mas eu, eu, eu prefiro quente, não é? Mas é fase, eu estou acostumada a chegar em casa tarde, e a comida está no prato, né, no prato feito pela minha (inint.) Aí dava preguiça de, de esquentar, então eu comia fria. Mas há certas coisas que é horrível comer frio, como ovo, né? Aí é impossível comer frio. Mas eu não tenho muito problema em relação a isso não, sabe? Mas tem, tem coisas que é melhor gelado mesmo, né? Ah, eh, meu cunhado ele faz, ele faz umas coisas meio estranhas sem pôr no fogo, então, ele faz o, uma massa gelada, sabe?

Inquérito 0050

Locutor 059

Sexo masculino, 29 anos

Data do registro: 26 de abril de 1972

Duração: 40 minutos

Ocorrências do lexema *pôr* de números (23), (24) (25), (26) e (27).

Doc. Como é que eles fazem?

Loc. Você tem que ... Primeiro, a carne tem que ser de um dia pra outro. Eles matam um boi num dia, não é, descansam a carne. Não sei por que descansam tampouco. Ela não pode ser lavada, ela tem que descansar. Põe lá numa pedra, você mata o bicho, põe, depois, põe tábuas. Se for num campo, você põe umas tábuas, né? Deixa elas descansando de uma noite pra outra, pra ela não ficar dura, descansa pra não ficar dura. Depois, eles não lavam a carne, não põem água na carne, deixam ela lá o tempo todo. Quer participar, aqui hoje é a alimentação (fala para circunstante)

Ocorrência do lexema *pôr* de número (28).

Doc. Como se faz? (inint.)

Loc. A sopa de tartaruga? Ah, não sei. Só sei que é sopa de tartaruga. Como fazem eu não sei. Lá, põem a tartaruga ali e cozinham, não sei como é que faz, e a, o filé da tartaruga, como eles chamam, é, é um churrasco de tartaruga.

Ocorrência do lexema *colocar* de número (2).

Doc. Agora, por que é que em alguns lugares o gosto do cloro é mais forte? (sup.)

Loc. O gosto do cloro? (sup.)

Doc. (sup) O gosto na Gávea, nas Laranjeiras. Na casa de M. H. é um gosto fortíssimo (sup.)

Loc. (sup.) Depende da concentração residual. O tratamento é o mesmo, entende? Às vezes ela tem que andar mais pra chegar até a torneira, então ela vai perdendo um pouco do residual de cloro, mas fica sempre um residual que te garante

tranquilamente a... Então se você toma essa água num lugar mais perto, mais próximo de onde ela é distribuída, ela tem mais cloro, entende? Às vezes, eh, tem mais cloro, não, o residual é maior, o cloro que se quer, que é colocado na estação de tratamento é único pra toda água, entende?

Ocorrências do lexema *pôr* de números (7) e (8).

Doc. Sempre bebeu? (sup.)

Loc. Não. Nós temos um filtro como todo mundo tem, entende? De maneira que aquele filtro, eu por exemplo não dou a mínima bola pro filtro, mas já que tem lá o lugar pra botar o filtro a gente botou o filtro lá e psicologicamente aquilo funciona.

Ocorrências do lexema *pôr* de números (29) e (30). A ocorrência (29) não foi analisada por pertencer ao semema de número 2.

Doc. Você não conhece nada feito com coco?

Loc. Não sei te dizer. Eu, como está aqui, a gente tem que ver, por exemplo, tem uns troços que são misturados, né?

Doc. É.

Loc. Acho que se usa, eu não gosto de doce. Lá tem um, um doce que eles têm lá, né? Como é o nome? É, doce de coco, né? Aquela que eles têm, cocada, né? Dizem que é muito gostosa, mas eu não gosto de doce, então eu como às vezes um pedacinho daquele troço e me enjoa, então ponho de lado, porque é muito doce e eu não gosto, quer dizer, eh, o açúcar, o açúcar em demasia me enjoa.

Doc. Por exemplo, e agora, eh, em junho essa festa de São João, o que é que normalmente se tem pra comer? Quer dizer, aqui não é muito festejado, não há muito, né, isso, mas em termos de Bahia.

Loc. Não sei, eu não como nada de especial na festa de junho, festa de São João. Umam batatas, né, que põem lá na, na, na fogueira, né?

Ocorrência do lexema *pôr* de número (31).

Doc. Como se faz isso?

Loc. Faz uma, pega o iodo e...

Doc. Informação profissional, né? (sup.)

Loc. É. Pega o iodo faz um, uma panela lá, mistura aquilo, dissolve, né, pra ele não ficar concentrado, e põe lá, deixa uns dez, quinze minutos a verdura ali dentro, depois lava, com água normal, vai pra mesa.

Inquérito 0078

Locutor 0091 - Sexo feminino, 30 anos de idade, pais cariocas, advogada. Zona residencial: Sul.

Data do registro: 14 de agosto de 1972

Duração: 46 minutos

Ocorrência do lexema *pôr* de número (32).

DOC. - O que que você põe no café?

LOC. - A... adoçante, eh, Dietil. Não ligo pra esse negócio de ciclamato não, porque quando tem que dar (inint.) e porque no almoço eu como o quê? Como carne, legume, não como sobremesa, só como fruta, e igual no jantar.

Ocorrência do lexema *botar* de número (9), que não foi analisada por pertencer ao semema 8.

DOC. - Uns doces que se faziam na sua casa, quando você era criança. O que que aparecia mais?

LOC. - Você sabe, em matéria de doce não tem aquele de preferência não, é qualquer doce, eu adoro doce. Minha tia já dizia: moeu pedra, botou açúcar, é ótimo, ela come,

está formidável.

Ocorrência do lexema *botar* de número (10) e ocorrências do lexema *pôr* de números (33) e (34).

DOC. - Será que dá pra se lembrar, dizer pra gente como se faz?

LOC. - Como é que se faz?

DOC. - É.

LOC. - Ha, ha, ha! Hum ...

DOC. - Ou pelo menos o que é que contém.

LOC. - Ah, não me lembro mais como é que se faz não, mas acho que eu saberia fazer ainda assim, eu sei que leva bastante cebola picada, com bastante, com bastante Claybon, a carne picadinha. Bom, a carne você tempera antes, né, bem picadinha e bota (shhh) aquilo lá pra refogar. Bastante tomate, acho que leva uns oito tomates, já descascados e retirada a pele. Aí deixa aquele negócio lá, bastante tempero e cheiro picadinho, deixa aquele negócio (shhh) lá refogando, né? Bom, depois que a carne estiver bem so... bem sorada, com bastante molho, ah, é só pôr o creme de leite, né? É, é só pôr o creme de leite.

Ocorrências do lexema *botar* de números (11), (12), (13) e (14), das quais apenas a (14) foi analisado, pois as outras pertencem ao semema 8; e a ocorrência do lexema *colocar* de números (3).

DOC. - Agora, como é que se faz almôndegas? Eu gostaria de aprender a fazer.

LOC. - Ha, ha! Ah, almôndegas! Ah, com a carne crua, pega a carne crua, já moída. Se vai moer em casa, se você comprou a carne pra moer em casa, você mói, quando estiver moendo, você mói junto um pedaço de linguiça, um pouquinho de linguiça, um pouquinho de paio, dá mais gosto. Agora se vier pronto do açougue, aí, ou mói separado e depois mistura, mas não fica a mesma coisa não. Então pega todos os temperos, bota alho, cebola, sal, eh, eh, tomate bem picadinho, cheiro-verde bem picadinho e vinagre, enfim, faz aquele, bota todos os temperos na carne e mistura

aquilo bem, com, com a mão, né, mistura, mistura, mistura bastante. Quando estiver bem misturado, estiver já com sal, eh, bota uma gema de ovo, pra poder untar a carne, ligar a carne. Bom, aí mistura bem, bastante, novamente, vê se está bom de sal, se precisa de mais algum tempero e faz as bolinhas. Pra fazer as bolinhas, pras bolinhas ficarem melhores, a gente passa um bocadinho de farinha de trigo na mão (ruído de esfregar as mãos) pra não ficar muito grudenta e faz as bolinhas e vai botando do lado. Depois frita, depois faz um molho à parte, com, um molho feito cachorro-quente, cebolada, tomate, um molho bem gostoso, bem, bem gro... grosso, depois coloca elas lá, pra acabar de cozinhar. É assim.

Ocorrências do lexema *botar* de números (15), (16), (17), (18), (19), (20) e (21), das quais não foram analisadas as de números (16) e (21), por pertencerem ao semema 8.

DOC. - Por quê (sup.)

LOC. - (sup.) Porque, eh, eh, o pastel, a massa do pastel tem que ser muito fina, tem que dar um ponto muito bom. E esse não, a massa é, é uma massa assim mei... mais pegajosa, assim mais pegajosa, é mais fácil de fazer. Agora, deixa eu ver se me lembro a receita da massa do rissoles. Eh, já é um, prum copo de leite, bota um copo de leite pra ferver. Você bota quantidade igual de, de farinha de trigo e uma colher, um pouco de manteiga e um pouco de sal. Você bota o, bota o leite pra ferver, quando o leite estiver quase fervendo, quando o leite estiver fervendo, você retira a panela do fogo, joga aquela, aquela fa... aquela ... Bota o leite pra ferver junto com a manteiga e o sal, né? Bota a farinha lá e mexe, mexe bem, bastante rápido, pra não, pra não embolotar. Então faz aquela massa, massa assim meio pura, você abre assim com o rolo de pastel e vai fazendo os, os ... É o formato de, de pastelzinho, né? Redondinho e depois faz meia lua. E recheia com carne, com camarão, com presunto. Depois que tiver formato de meia lua, de pastelzinho, passa no ovo e na farinha de rosca e bota pra fritar. Se você quiser eu escrevo. (risos) Não confie muito nessa de boca não. (risos) Mas é mais ou menos assim.

Ocorrências do lexema *botar* de números (22) e (23).

DOC. - Um capítulo que você pode me falar muito é sobre as preferências do M.

LOC. - Ah, as preferências do M., eh, o M. não varia muito, não. (risos) Psicose do M. é croquete. Empregada que bater aqui em casa, não saber fazer croquete está despedida. Tem que fazer croquete. O M. gosta muito de croquete, rissoles, toda comida assim, bem besta, é comida que o M. gosta. Não gosta de comida complicada não. É croquete, rissoles, lasanha. Dia de festa aqui em casa é dia que tem macarrão com queijo, manteiga e carne moída. (risos) Não é estrogonofe, galinha, nada, isso é bobagem! É macarrão com queijo, manteiga e carne moída e saladinha. A salada, tem sempre que ter a salada na mesa, alface, tomate, tem sempre que ter. Isso é invariável. Agora, que ele gosta muito, gosta muito de, de ga... de galinhazinha cozida, galinhazinha frita, isso é um prato fantástico: galinhazinha frita. Que mais? Ah, vinho também, né, vinho. Ele gosta muito de vinho. Adora cerveja! Que mais que o M. gosta? Doce ele não liga, não liga a mínima pra doce. Tanto que aqui em casa, de regime, é muito fácil, né, é só deixar de fazer doce, porque ele não sente falta e pra mim, pim, botou doce na mesa, eu como, não tem, não tem 'perhaps'. Botou lá, eu como, doce! Não tenho essa força de vontade não. Que mais que o M. gosta?

Ocorrência do lexema *pôr* de número (35).

DOC. - Eu já ouvi falar mas sem ser quente.

LOC. - Água quente. Água quente, tem que ser bem quente. E quando eu esqueço de co... *pôr* Dietil, aí não tem graça

Ocorrências do lexema *botar* de números (24) e (25), as quais não foram analisados, por pertencem ao semema 10 e 7 respectivamente; e as ocorrências do lexema *colocar* de números (4) e (5), sendo que (4) não foi analisada por pertencer ao semema 3.

LOC. - (sup.) Que que eu faço antes, como é que eu boto toalha, assim, se é simples, etc. e tal?

DOC. - Que que você usa ... Você dá alguma coisa pra comer aos convidados antes?

LOC. - Ah, sim. Dou. (sup.)

DOC. - (sup.) Essas coisas, coisas (sup.)

LOC. - (sup.) É, costume dar, costume dar. Costume, eh, aqueles salgadinhos, né, normalmente salgadinhos e aperitivozinhos e uísque e Cinzano e biscoitinhos, enfim, todo esse tipo de aperitivozinho a gente sempre oferece aqui antes. Depois ... Você quer saber também o que é que eu faço antes, como botar a mesa, escolher toalha, esse negócio todo? Ih, isso aí é um salamaleque danado! Aí vou lá dentro, tram, determino qual é a toalha, tiro a toalha, mando passar a toalha. Normalmente, mesmo eu estando trabalhando sempre sou eu quem chego pra ver a mesa, com um ... Geralmente mando arrumar tudo, quer dizer, passar a toalha, mando limpar os talheres e, e, sempre faço com a, com a louça que a gente tem de reserva, louça melhor e tal. Quando eu si... se são mais de quatro pessoas, eu sirvo à americana, que aqui em casa é pequeno e não dá. Então fica, fica muito atravancado. E como eu tenho mesinha de armar, aquelas mesinhas individuais, então fica fácil fazer à americana. Se são quatro pessoas, então eu faço na mesa. Todo mundo sentado na mesa e coloco sempre um aparador assim ao meu lado onde eu possa colocar as travessas, pra mesa não ficar muito cheia também, sabe? Que que é mais?

Ocorrência do lexema *pôr* de número (36).

LOC. - Olha, eu devo ter feito alguma coisa que você gosta. Bom, então nesse dia, ah, nesse dia já tem um mês, o mais antigo veio, talher, talher de prata pra mesa, veio, eh, a louça boa. Não que a minha louça seja um lixo, mas (inint./risos) veio a toalha, tirei a toalha que tinha servido no nosso casamento, pus a toalha bordada pra mesa e ...

Ocorrência do lexema *colocar* de número (6), não analisado, por pertencer ao semema 3; e a ocorrência do lexema *botar* de número (26), não analisada por pertencer ao semema 10.

DOC. - Mas você vai contar pra gente (sup.)

LOC. - (sup.) Espera aí. É nojento que dói. Pega a tripa do porco e tem feito um

funilzinho. Você pega o princípio da tripa e coloca o funilzinho ali, então prende assim em volta, né, para não escapar, porque aquilo é muito escorregadio, e vai enchendo aquilo com miúdos do porco. E depois bota aquele negócio pra secar. Ahn, é meio nojento de fazer. Que mais? Então faz-se linguiça. Que que mais faz com o porco? Mas só linguiça? Acho que é só linguiça, né? Que mais faz com o porco?

Inquérito 0080

Locutor 0093 - Sexo masculino, 44 anos de idade, pais cariocas, professora de desenho. Zona residencial: Suburbana

Data do registro: 23 de agosto de 1972

Duração: 52 minutos

Ocorrências do lexema *botar* de números (27) e (28).

DOC. - O senhor falou que o senhor levava comida?

LOC. - Ah, levava comida, e na minha, e na minha comida ... Ah, por exemplo um ensopado que até hoje, também foi bom vir a lembrar, é um ensopado de quiabo com carne fresca. Inclusive na época que eu levava ... Isso, eu digo na época, porque eu antes de ser bancário, ser securitário, eu fui operário e na época de operário levava-se, levava-se a marmitta, né, que eu nunca me dei em alimentar-me fora de casa, quer dizer que eu preferia mil vezes levar comida. Quer dizer, pelo menos na minha, na minha refeição, na minha marmitazinha constava sempre o feijão, arroz, tônica dominante, e se pudesse, botasse na minha (inint.) botasse na minha marmitta, a semana toda, um ensopado de quiabo com carne fresca e a batata-doce frita, estava satisfeito.

Ocorrências do lexema *colocar* de números (7), (8) e (9).

DOC. - E como é que é? Sabe como é que faz essa cocada? Tem idéia assim de como é que elas fazem?

LOC. - Ah, eu sei que rala coco, coloca, acho que coloca água e açúcar, pra pegar um

determinado ponto e depois associa o açúcar, associa o coco ralado. Quer dizer que aí depois quando tem determinado ponto, ela tira, tira da panela, coloca na, na pedra mármore, ela esfria, então vai tomando aquela consistência da cocada. Agora o pessoal que entende de cocada dizem que a coisa é espetacular, né?

Ocorrência do lexema *colocar* de número (10), e a ocorrência do lexema *botar* de número (29), que não foi analisada por pertencer ao semema 8.

DOC. - Quais são esses ingredientes de porco que entram na feijoada?

LOC. - Ah, vamos ver: ore... orelha, orelha, tripa que é bucho, né, orelha, bucho, cabeça, rabo. Ah, não, como é, os pés, pezinho de porco, o que mais? Existe também uma parte do porco que é acho que é, não sei se é denominada pele do porco. É a pele do porco. É a pele do porco que se compra e coloca na feijoada.

DOC. - Mas isso é ao natural ou, ou já compra com algum preparo?

LOC. - Ah, não, ao natural. A pessoa compra ao natural e prepara em casa. Prepara que eu digo é o seguinte: chega em casa, cozinha isso antes de misturar com o feijão, né? Antes de botar no feijão cozinha tudo isso.

Ocorrência do lexema *botar* de número (30), que não foi analisada por pertencer ao semema 8.

DOC. - Não, porque tem, às vezes eu vejo umas que já vêm mais ou menos preparado, nos supermercados assim ...

LOC. - Está, inclusive tal... talvez com o advento do modernismo, talvez o progresso das grandes cidades, isso, está se tornando comum as pessoas comprarem nas mercearia a alimentação quase que pronta. Eu pelo menos lá em casa, um pastel lá em casa, tanto a minha mãe quanto as minhas irmãs fazem a massa. Mas já disse que essas mercearia estão vendendo massa pronta, né? A pessoa compra, compra o pastel pronto é só che... é só chegar em casa, botar na banha e está pronto.

Inquérito 0104

Locutor 119

Sexo masculino, 29 anos de idade, pais cariocas

Profissão: professor de biologia

Zona residencial: Suburbana

Data do registro: 26 de setembro de 1972

Duração: 47 minutos

Ocorrência do lexema *pôr* de número (37).

Doc. Verduras e legumes eles não costumam comer não?

Loc. Bom, eles usam pelo menos onde eu ... Em Curitiba, eles comiam muito é essa, eh, salada, mas é uma salada diferente da nossa, é uma fa... salada que, vamos supor, é cenoura, eh, usam muito beterraba, tomate, mas o tomate cortado diferente do nosso. Eles cortam o tomate assim em quatro, usam uns pedaços grandes, usam muito tomate verde também. E não vem com molho não, a pessoa é que põe o molho, à vontade.

Ocorrência do lexema *colocar* de número (11).

Doc. E sem ser assim festa de fim de fim de ano, natal, ano-novo, vocês costumam fazer reuniões na casa de vocês (inint.)

Loc. Bom, lá em casa tem sempre. No caso pra quem bebe assim, toma um drinque ou outro, não é muito chegado a doce, né? Então fica mais na parte de salgadinho, né? Por exemplo (inint.) bolinho de bacalhau, eh, como é o nome daquilo que se coloca em cima do repolho, crava.

Ocorrência do lexema *colocar* de número (12).

Doc. E como é que você gosta de cafezinho? Porque também a gente, eh, toma

cafezinho, sente certas diferenças, né? Na maneira de fazer café ...

Loc. Não, é. Tem gente que faz café diferente, né? Mas isso eu não estou bem a par não. O que me chamou a atenção em, em Brasília... em Minas é que o mineiro usa muito o café já vem adoçado, e aqui no Rio não se usa isso, né, nós que colocamos o açúcar no café.

Ocorrência do lexema *colocar* de número (13).

Doc. Conte com detalhes, tudo.

Loc. Bom, o hotel Nacional de Brasília estava funcionando mais ou menos há um ano, um ano e meio, naquela época. Eu peguei Brasília há uns quatro ou cinco anos, uns quatro, não, uns três anos antes de ser inaugurada. Então eu estava no hotel Nacional, estava funcionando, aquele luxo, né? Então nós fomos convidados pra um jantar do Rotary que ia ter em Brasília. Nesse jantar parece que ia haver uma comemoração em relação à inauguração duma agência da VASP no hotel. Então veio um pessoal de São Paulo, a sociedade lá de Brasília, fui convidado. Eu, eu não gostei, ouviu? Porque eles colocam dois, três pratos, cinco, seis talheres na tua frente, copo d'água, copo de vinho, e, e não fica à vontade, está entendendo? Fica naquele negócio de ir todo tenso ali. Horrível aquilo!

Ocorrências do lexema *pôr* de números (38), (39), (40), (41), (42), (43) e (44).

Doc. Como é que faz um arroz? Diga pra nós como é que você faz o arroz? Porque eu não sei fazer arroz.

Loc. Olha, bom, tem que lavar, primeiro tem que catar, depois lava o arroz, né? Depois faz aquele tempero. O tempero eu sei como é que é, que tem um livro lá em casa que eu apanho às vezes, eh, tem uma "Dona Benta", um, eu acho que é "Dona Benta" sim. E tem um tempero lá, que parece que põe óleo na fo... óleo na fo... óleo na panela, parece que põe alho, um tempero lá, tempero eu tenho que ir ver lá pra fazer. Põe o arroz e parece que deixa ele corar um pouco, né? Depois põe água. Agora

tem que ver a quantidade de água senão fica papa. Depois põe sal, então, no livro explica, é mais, mais ou menos parece que uma xícara de arroz põe mais um, não sei quanto de água lá. Quando ele começa a ferver, põe, diminui o gás, né, pra ele secar. Depois que ele seca, aí vai ver se ficou papa ou não.

Ocorrência do lexema *pôr* de número (45).

Doc. Você pensou que fosse mesmo de, de temperatura (sup.)

Loc. (sup.) É. Temperatura do prato. Agora é que eu já sei, quando se vai à Bahia nunca se diz quente, né? Em relação à comida, né? Fria, porque a pessoa é que põe a quantidade de pimenta que quer.

Ocorrências do lexema *colocar* de números (14), (15), (16), (17) e (18).

Doc. Por exemplo, supermercado tem uma quantidade enorme de, de coisas que você pode acrescentar já ao prato pronto, né, já na hora de você comer.

Loc. Bom, eu uso, eu como, eu uso muito é aquele, aquele molho inglês. Aquele molho inglês eu gosto muito de colocar na carne. Aquilo eu sempre compro. E gosto também de colocar pimenta. Pimenta eu também gosto muito de pimenta.

Doc. Pimenta crua?

Loc. Não (inint.) essa pimenta vem, já vem pronta nesses vidros eu gosto. São as duas coisas que eu acrescento. Mostarda eu não gosto muito pra colocar em carne, 'ketchup' às vezes coloco.

Doc. Agora tem um que eles chamam de apimentado, você já provou?

Loc. Não.

Doc. Aquilo é, é acre-doce, né? É doce de (sup.)

Loc. (sup.) Não. Ainda não provei não. 'Ketchup' às vezes, é raro, não é sempre não. Eu uso mais assim complementação é o molho inglês, e pimenta às vezes eu também coloco.

7.2

Crônicas Luis Fernando Veríssimo

O Marajá

A família toda ria de dona Morgadinha e dizia que ela estava sempre esperando a visita do Marajá de Jaipur. Dona Morgadinha não podia ver uma coisa fora do lugar, uma ponta de poeira em seus móveis ou uma mancha em seus vidros e cristais. Gemia baixinho quando alguém esquecia um sapato no corredor, uma toalha no quarto ou - ai, ai, ai - uma almofada torta no sofá da sala. Baixinha, resoluta, percorria a casa com uma flanela na mão, o olho vivo contra qualquer incursão do pó, da cinza, do inimigo nos seus domínios.

Dona Morgadinha era uma alma simples. Não lia jornal, não lia nada. Achava que jornal sujava os dedos e livro juntava mofo e bichos. O marido de dona Morgadinha, que ela amava com devoção apesar do seu hábito de limpar a orelha com uma tampa de caneta Bic, estabelecera um limite para sua compulsão de limpeza. Ela não podia entrar na sua biblioteca. Sua jurisdição acabava na porta. Ali dentro só ele podia limpar, e nunca limpava. E, nas raras vezes em que dona Morgadinha chegava à porta do escritório proibido para falar com o marido, este fazia questão de desafiá-la. Botava os pés em cima dos móveis. Atirava os sapatos longe. Uma vez chegara a tirar uma meia e jogar em cima da lâmpada só para ver a cara da mulher. Sacudia a ponta do charuto sobre um cinzeiro cheio e errava deliberadamente o alvo. Dona Morgadinha então fechava os olhos e, incapaz de se controlar, lustrava com a sua flanela o trinco da porta.

O marido de dona Morgadinha contava, entre divertido e horrorizado, da vez que levava a mulher a uma recepção diplomática.

- Percorremos a fila de recepção, e quando vi a Morgadinha estava sendo apresentada ao embaixador. O embaixador se curvou, fez uma reverência, e de repente a Morgadinha levou a mão e tirou um fio de cabelo da lapela do embaixador!

- Não pude resistir - explicava dona Morgadinha, séria, entre as risadas dos outros.

- E ainda deu uma espanada, com a mão, no seu ombro.

- Caspa - suspirava dona Morgadinha, desiludida com o corpo diplomático.

Quis o destino que os filhos de dona Morgadinha puxassem pelo pai no relaxamento e

na irreverência. Todos os três.

- Meu filho, aí não é lugar de deixar os livros da escola.

- Qual é, mãe? Está esperando o Marajá?

- Minha filha, a sala não é lugar de cortar as unhas.

- Ih, hoje é dia do Marajá chegar.

- Oscar, na mesa?!

- Quando o Marajá vier almoçar, eu prometo que não faço isto. Certa manhã bateram à porta. Dona Morgadinha, que comandava a faxina diária da casa com severidade militar, fez sinal para as empregadas de que ela mesma iria abrir. Na porta estava um homem moreno, de terno, gravata - e turbante!

Dona Morgadinha, que uma vez brigara com o carteiro porque a sua calça estava sem friso, olhou o homem de alto a baixo e não encontrou o que dizer.

- Dona Morgadinha?

- Sim.

- Meu amo manda o seu cartão e pede permissão para vir visitá-la às cinco.

Dona Morgadinha olhou o cartão que o homem lhe entregara. Ali estava, com todas as letras douradas, "Marajá de Jaipur". Não conseguiu falar. Fez que sim com a cabeça, desconcertada. O homem fez uma mesura e desapareceu antes que dona Morgadinha recuperasse a fala.

As empregadas receberam ordens de recomeçar a faxina, do princípio. Dona Morgadinha anunciou para a família que naquele dia não haveria almoço. Não queria cheiro de comida na casa. E era bom todos saírem para a rua até a noite, para não haver perigo de deslocarem as almofadas. Pai e filhos se entreolharam e concordaram:

- O Marajá vem hoje.

Dona Morgadinha apenas sorriu. E estava com o mesmo sorriso quando o marido e os filhos chegaram em casa à noite, depois de comerem um cheeseburger na esquina, fazendo bastante barulho e manchando a roupa. Dona Morgadinha não contou para ninguém da visita do Marajá. Do seu terno branco, do rubi no seu turbante, da sua barba grisalha e distinta. E da conversa que tinham tido, das cinco às sete, sozinhos, entre goles de chá e mordiscadas em sanduíches de aspargo, sobre coisas distantes, sobre o linho e o mármore e a purificação dos espíritos. Naquela noite o marido de dona Morgadinha surpreendeu a mulher com o olhar perdido na frente do espelho. Ela estava tão distraída que foi para a cama sem escovar as unhas, usar o colírio e rearrumar os armários, como fazia sempre.

O Marajá combinou com dona Morgadinha que voltaria dois dias depois, à mesma hora. Estes dois dias dona Morgadinha passou sentada, sem notar nada, esquecida até da sua flanela. O filho mais velho chegou a trazer um vira-lata da rua para fazer xixi no pé da poltrona, mas não conseguiu despertar dona Morgadinha do seu devaneio.

Depois de duas semanas de visitas constantes do Marajá e do mais absoluto descaso de dona Morgadinha pela higiene da família e da casa, o marido resolveu que já era demais. Procurou o seu amigo Turcão, que era árabe e tinha cara de hindu e que ele contratara para se fingir de Marajá e fazer uma brincadeira com a mulher, e disse que era hora de acabar com a brincadeira. Turcão, meio sem jeito, disse que com ele tudo bem, mas dona Morgadinha...

- O quê? - quis saber o marido, desconfiado...

- Ela levou a sério. Está falando até em fugir comigo e ir morar no meu palácio em Jaipur. Negócio chato. Acho melhor contar a verdade para ela e...

Mas o marido de dona Morgadinha percebeu o que fizera. E percebeu que com as almas simples não se brinca. Se descobrisse que fora enganada, dona Morgadinha era capaz de se matar, engolindo detergente. Não, não. Ela não merecia aquilo. Compungido, o marido pediu ao Turcão que continuasse a visitar a mulher. Mas tentasse desiludi-la.

Dando um arrotto. Sei lá.

Segurança

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança.

Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares

também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.

A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

O Ator

O homem chega em casa, abre a porta e é recebido pela mulher e os dois filhos, alegremente. Distribui beijos entre todos, pergunta o que há para jantar e dirige-se para o seu quarto. Vai tomar um banho, trocar de roupa e preparar-se para algumas horas de sossego na frente da televisão antes de dormir. Quando está abrindo a porta do seu quarto, ouve uma voz que grita:

- Corta!

O homem olha em volta, atônito. Descobre que sua casa não é uma casa, é um cenário. Vem alguém e tira o jornal e a pasta das suas mãos. Uma mulher vem ver se a sua maquilagem está bem e põe um pouco de pó no seu nariz. Aproxima-se um homem com um script na mão dizendo que ele errou uma das falas na hora de beijar as crianças.

- O que é isso? - pergunta o homem. - Quem são vocês? O que estão fazendo dentro da minha casa? Que luzes são essas?

- O que, enlouqueceu? - pergunta o diretor. - Vamos ter que repetir a cena. Eu sei que você está cansado, mas...

- Estou cansado, sim senhor. Quero tomar meu banho e botar meu pijama. Saiam da minha casa. Não sei quem são vocês, mas saiam todos! Saiam!

O diretor fica parado de boca aberta. Toda a equipe fica em silêncio, olhando para o ator. Finalmente o diretor levanta a mão e diz:

- Tudo bem, pessoal. Deve ser estafa. Vamos parar um pouquinho e...

- Estafa coisa nenhuma! Estou na minha casa, com a minha... A minha família! O que vocês fizeram com ela? Minha mulher! Os meus filhos!

O homem sai correndo entre os fios e os refletores, à procura da família. O diretor e um assistente tentam segurá-lo. E então ouve-se uma voz que grita:

- Corta!

Aproxima-se outro homem com um script na mão descobre que o cenário, na verdade, é um cenário. O homem com um script na mão diz:

- Está bom, mas acho que você precisa ser mais convincente.

- Que-quem é você?

- Como, quem sou eu? Eu sou o diretor. Vamos refazer esta cena. Você tem que transmitir melhor o desespero do personagem. Ele chega em casa e descobre que sua casa não é uma casa, é um cenário. Descobre que está no meio de um filme. Não entende nada.

- Eu não entendo...

- Fica desconcertado. Não sabe se enlouqueceu ou não.

- Eu devo estar louco. Isto não pode estar acontecendo. Onde está minha mulher? Os meus filhos? A minha casa?

- Assim está melhor. Mas espere até começarmos a rodar. Volte para a sua marca. Atenção, luzes...

- Mas que marca? Eu não sou personagem nenhum. Eu sou eu! Ninguém me dirige. Eu estou na minha própria casa, dizendo as minhas próprias falas...

- Boa, boa. Você está fugindo um pouco do script, mas está bom.

- Que script? Não tem script nenhum. Eu digo o que quiser. Isto não é um filme. E mais, se é um filme, é uma porcária de filme. Isto é simbolismo,ultrapassado. Essa de que o mundo é um palco, que tudo foi predeterminado, que não somos mais do que atores... Porcaria!

- Boa, boa. Está convincente. Mas espere começar a filmar. Atenção...

O homem agarra o diretor pela frente da camisa.

- Você não vai filmar nada! Está ouvindo? Nada! Saia da minha casa.

O diretor tenta livrar-se. Os dois rolam pelo chão. Nisto ouve-se uma voz que grita:

- Corta!